

VIVIAN TORRES DE MELLO RANGEL

A NOVA FICÇÃO BRASILEIRA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO:

O PAPEL DA INTERNET NA TRANSFORMAÇÃO  
DA PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO  
LITERÁRIA

Rio de Janeiro

2005

VIVIAN TORRES DE MELLO RANGEL

A NOVA FICÇÃO BRASILEIRA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA  
COMUNICAÇÃO:

O papel da Internet na transformação da produção e divulgação literária

UFRJ- Graduação em Comunicação Social  
Habilitação em Jornalismo

Orientador: João Freire  
Doutor em Comunicação Social

Rio de Janeiro

2005

A NOVA FICÇÃO BRASILEIRA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO: O papel da Internet na transformação da produção e divulgação literária

Vivian Torres de Mello Rangel

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Aprovada por:

---

Prof. João Freire Filho – Orientador  
Doutor em Comunicação e Cultura

---

Prof. Ieda Tucherman  
Doutora em Comunicação e Cultura

---

Prof. Ilana Strozenberg  
Doutora em Comunicação e Cultura

Rio de Janeiro  
1º semestre/2005

Rangel, Vivian Torres de Mello.

A nova ficção brasileira e as novas tecnologias da comunicação: O papel da Internet na transformação da produção e divulgação literária / Orientador: João Freire – ECO/UFRJ, 2005. 103 p.

Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação Social- ECO, 2005.

Orientador: João Freire

1.Novas tecnologias da comunicação . 2. Literatura.  
3.Mercado Editorial. I. . Freire, João. (Orient.). II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de  
Comunicação. III. Título.

## AGRADECIMENTOS

À minha família que me ensinou desprezar a mediocridade.

A meu pai que completou o percurso acadêmico anos depois do previsto e monografou pouco antes de mim, exemplo de força de vontade.

A João Freire, mais que um orientador – uma referência e incansável incentivador.

À Heloisa Buarque de Hollanda, Paulo Pires, Ieda Tucherman e Marcelo Nóbrega, grandes professores.

A André e Diego, irmãos adotados e fontes valiosas de sensatez e boas idéias.

À Renata, Mariana, Paloma, Bruno, Felipe, Sérgio e todos os amigos da ECO que fizeram parte de quatro anos inesquecíveis, o começo do resto da minha vida.

À Flávia, que ouviu centenas de vezes os mesmos medos e reclamações sem se queixar. E sempre sustentou que “ia dar pé”.

A meus tios, presenças constantes e indispensáveis.

A Miguel Ângelo, pela paciência, ajuda técnica, amizade e incentivos etílicos.

A Álvaro Costa e Silva por me dar esperanças de que é possível ter menos medo de uma página em branco e honrar a morte de arvorezinhas.

A Rodrigo de Almeida e Paula Barcellos, pelo incentivo e pela compreensão nos dias mais tensos.

À Aline, Julio, Paulo Celso e todos os amigos do JB, mais do que colegas de profissão, pessoas das quais me orgulho que façam parte da minha vida.

A todos os jovens escritores mencionados nesse trabalho, que renovam a literatura e nos emprestam letras quando nos faltam palavras para representar o impossível.

A Benjamin Records, companhia de madrugadas insones.

A todos vocês, muitos momentos mágicos de literatura – fuga e construção da realidade.

RANGEL, VIVIAN. **A nova ficção brasileira e as novas tecnologias da comunicação: O papel da Internet na transformação da produção e divulgação literária.** Orientador: João Freire. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2005. Monografia (Graduação em Jornalismo).

## RESUMO

A era virtual é interativa, traz novos conceitos de tempo e espaço, abandona o linear em favor de links, encurta textos e é acusada de matar o pensamento e a literatura (esquecida entre cliques e informação descontextualizada). Esse trabalho pretende examinar como a Internet tem ajudado os novos autores a distribuir seus textos, ocupando um espaço na acirrada disputa imposta pelo mercado editorial brasileiro. A brecha fundada pela Rede está não apenas em novas formas de distribuição, mas na constituição de um espaço de criação literária, que armazena uma nova lógica por meio de ferramentas como e-mails, blogs e sites que publicam contos, crônicas e romances. Além de análises dos portais de divulgação e crítica literária que estão expandindo seus links pela Internet, a monografia investiga como são descobertos esses novos escritores e de que maneira o mercado editorial está recebendo os produtores de narrativas em bits. Fugindo de uma visão maniqueísta, a análise da produção literária associada à Rede mostra que novas formas de comunicação escrita ajudam a promover, recriar e difundir literatura – em diferentes mídias, temporalidades e referências.

RANGEL, VIVIAN. **Brazilian new fiction and new communication technologies:** Internet's role on the transformation of literary production and promotion. Orientador: João Freire. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2005. Monografia (Graduação em Jornalismo).

#### ABSTRACT

The virtual age is interactive, brings new time and space concepts, substitutes the linear reading for links, makes texts shorter and threat the thought and literature, forgotten between clicks and out of context information. This study objectifies to understand how Internet helps the beginner authors to spread his texts, surpassing the tyrannical competition imposed by the traditional editorial market. This gap opened by Internet is not restricted to new ways of distribution, but also in the foundation of a new space of literary creation. This space stores a new logic that uses tools like e-mails, blogs and websites to publish short stories, chronicles and novels. More than analyze literary sites, this study investigates how this new writers begin to work and how the editorial market is changing to receive this new producers of "bit's narratives". Avoiding a maniqueist vision, the study of the literary production in the Internet proves that new forms of written communication helps to promote, recreate and spread literature – in different medias, times and references.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>MANUSCRITOS DE COMPUTADOR - Popularização de ferramentas que facilitam a produção de textos</b>	<b>15</b>
	1.1 Internet – Nascimento, difusão e questionamentos	15
	1.2 Novas ferramentas, críticas antigas	18
	1.3 Particularidades do hipertexto	21
	1.4 Blogs – Diários, atualização social e literatura	26
	1.4.1 – Além das confissões e relatos prosaicos	29
<b>2</b>	<b>SUPLEMENTOS LITERÁRIOS NA REDE</b>	<b>33</b>
	2.1 Cardosonline – Berço de novos escritores	33
	2.2 Paralelos – Novos escritores e profusão de impressos	40
	2.2.1 Falaê! – O embrião	40
	2.2.2 Paralelos – Literatura e crítica	42
	2.2.3 Vitrine de novos talentos	43
	2.2.4 Particularidades da esfera virtual do Paralelos	45
	2.3 Portal Literal – Grandes nomes acolhem os novatos	48
	2.3.1 Grandes escritores, aspirantes e iniciantes	50
	2.3.2 Literatura marginal em bits	52
<b>3</b>	<b>DA TELA AO PAPEL O desafio da publicação e a brecha editorial encontrada na Rede</b>	<b>55</b>
	3.1 Panorama do mercado editorial brasileiro	57
	3.2 A Internet como brecha editorial e a reformulação do papel do editor	60
	3.2.1 Livros do Mal, do CardosOnline aos impressos	63
	3.2.2 Safra XXI, iniciantes em uma grande editora	66



<b>4</b>	<b>NOVOS AUTORES EM REPORTAGENS</b>	
	<b>4.1 Clara Averbuck – Blog, romance, exposição e egotrip</b>	<b>69</b>
	<b>4.2 João Paulo Cuenca – Bastidores da produção literária online</b>	<b>74</b>
	<b>4.3 Dodô Azevedo - Literatura em multimídias</b>	<b>79</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>85</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>88</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>94</b>
	<b>Entrevista com André Felipe Pontes Czarnobai (Cardoso)</b>	<b>94</b>
	<b>Entrevista com Daniel Galera</b>	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

McLuhan afirmou que Gutenberg nos fez leitores, a xerox nos fez editores e os computadores em Rede nos fazem autores<sup>1</sup>. A constatação do famoso teórico da comunicação, morto em 1980, foi um dos primeiros vislumbres do que a revolução da difusão da Internet traria para as relações entre leitores, escritores e mercado editorial. O perfil da comunicação mudou, o que se reflete em um novo formato de produzir e consumir informações. Discutir as transformações impostas à criação e divulgação da literatura no momento atual - quando as formas de interação e difusão cultural são forçosamente modificadas pelo avanço acelerado da tecnologia - é o objetivo geral desse trabalho.

Conceitualmente, a Rede nos obriga a repensar diversas questões seculares como o papel da memória, os limites entre o público e o privado, a legitimidade das leis de proteção autorais e da própria definição de autoria e as fronteiras cada vez mais elásticas entre ficção e jornalismo. Além de constituir-se como o primeiro meio de comunicação verdadeiramente interativo, a Internet é o espaço encontrado pelos autores iniciantes para produzir literatura, difundir escritos e facilitar o trajeto até a publicação. O principal propósito dessa pesquisa é mostrar de que maneira a nova lógica de comunicação do ciberespaço altera a produção e divulgação literária.

A primeira parte da monografia é constituída por um breve histórico do nascimento da Internet e todas as críticas e temores que a nova ferramenta despertou. O medo de que um novo meio aniquile as funções dos meios de difusão coletiva já existentes e atente contra a alta cultura fez com que matérias e críticas contra a Rede se multiplicassem. As acusações são, de certa forma, semelhantes às feitas na época do nascimento da TV, desprezada por seu “automatismo iletrado”, como se o mundo televisivo não tivesse substância ou significado concreto.

Assim como um outro olhar sobre a TV pode identificar que a “máquina de fazer doidos” por vezes beneficia tanto a criação literária quando a cultura da leitura, no uso da Internet, essa relação dialógica entre as mídias, embora evidente, ainda é pouco explorada. Na TV brasileira, é possível observar que uma novela de época, por exemplo, pode

---

<sup>1</sup> MCLUHAN apud WOOLEY, 1992, p. 165

incentivar expectadores a iniciar a leitura do romance que a inspirou, sem mencionar programas educativos e debates literários.

Na Rede, as críticas são desmontadas pela própria utilização da ferramenta, que depende diretamente da leitura e da escrita, como será demonstrado no primeiro capítulo. Com epistemologia própria, o ciberespaço não é uma mistura de rádio, TV e máquina de escrever, mas o primeiro meio de difusão coletiva verdadeiramente interativo. O computador como suporte e a Internet como novo espaço de pensamento e trocas de dados orquestram uma alteração profunda em todo o circuito literário, nas etapas de criação, materialização, divulgação e distribuição do texto.

Ao longo do desenvolvimento da Rede e da facilidade de utilização de sucessivas interfaces mais acessíveis, o espaço de enunciação em bits é conquistado por todos os usuários. Se, no início, as páginas eram pesadas, as imagens escassas e a conexão lenta, a velocidade de navegação e a diversidade de formas de interação, hoje, se multiplicam. No campo literário, o desenvolvimento dos blogs – ferramentas de publicação automática e de fácil utilização - fomentou o nascimento de diversas páginas pessoais, o que será detalhado no último item do capítulo um.

Inicialmente, os blogs se disseminaram com a função de diários virtuais e interação social. O surgimento de novas opções online que possibilitam o relacionamento pessoal, como o Orkut e o Multiply - que exibem perfis dos internautas e oferecem espaço para a publicação de textos e fotos - faz com que o blog deixe de ser a única alternativa de fácil acesso para o escoamento de confissões e trocas de informações sobre o cotidiano. A ferramenta passa a ser cada vez mais usada para publicar jornalismo, sátiras e também como laboratório literário. Ao escrever nos blogs, os novos autores não se beneficiam apenas da exibição instantânea e sem custos, mas de uma relação com os leitores jamais vista. Quando o conteúdo digital é impresso e um blog é materializado em livro, o “blogueiro” adquire o status de escritor.

No hipertexto, o internauta pode opinar sobre a obra, fazer perguntas sobre os rumos das narrativas e até mesmo participar do processo criativo das narrativas. Essa relação instantânea do leitor com o autor, ou a fusão que a Internet permite entre “autor-

leitor” transforma uma questão que a princípio poderia ser considerada apenas literária em objeto de estudo acadêmico da área de comunicação.

O estudo de três projetos literários online com características diversas, no capítulo dois, comprova que a literatura brasileira não está estagnada. Com perfis diferenciados, cada um dos sites representa uma experiência de sucesso na Rede, que transportou escritos empilhados nas gavetas à esfera virtual e aos meios impressos tradicionais. Além da criação de sites próprios, os autores iniciantes configuram uma rede de intensa troca de escritos e referências e dividem espaço na tela com escritores já consagrados, como Ferreira Gullar e Luis Fernando Veríssimo, provando que - assim como os poetas marginais dos anos 70 - podem furar o bloqueio do difícil acesso ao mercado editorial brasileiro.

Apesar do apelo quase irresistível de opinar em relação à estilística e sobre a construção dos novos gêneros literários postados na Rede, pretendeu-se evitar que esse trabalho discutisse a qualidade da ciberliteratura, tendo em vista, entre outros fatores, que ainda é muito cedo para identificar o surgimento de um novo gênero ou corrente literária. A análise concentra-se no impacto que essa nova estrutura de produção e difusão causa na literatura, nas facilidades e dificuldades que encontram os escritores iniciantes e nas mudanças que essa ferramenta traz ao mercado editorial tradicional. Dessa forma, é possível repensar a influência que a Internet traz à literatura, não apenas como ferramenta, mas um como um novo ambiente que reconfigura as relações literárias tradicionais.

Considerando a escassez de bibliografia sobre o tema, a metodologia do trabalho constituiu-se, em primeiro lugar, de uma longa pesquisa na Internet. Após o exame de dezenas de sites literários, blogs, comunidades e fóruns de debate, foram selecionados nomes de autores e projetos que seriam mais representativos para estudar as obras produzidas na Rede. A primeira parte da pesquisa ficou a cargo de uma bibliografia extensa de fontes primárias – os próprios livros, blogs e sites dos autores em questão. As fontes secundárias selecionadas em teses acadêmicas, artigos online, livros teóricos e periódicos ajudam a traçar paralelos entre o surgimento de novas formas de comunicação e a alteração da lógica literária. A análise das mudanças de suportes é feita à luz das pesquisas do historiador do livro Roger Chartier. O paralelo entre as previsões apocalípticas sobre o fim da alta cultura feitas na época da popularização da TV e o medo da extinção dos impressos

prenunciado com a Internet é feito com base nas pesquisas do teórico da comunicação João Freire Filho. As especificidades da ciberliteratura são estudadas através de artigos acadêmicos e matérias jornalísticas. No capítulo três, que trata sobre o mercado editorial brasileiro, a referência estatística principal vem de uma pesquisa realizada pela Câmara Brasileira de Livros e distribuída às principais editoras do país.

A segunda etapa dessa monografia foi feita a partir de entrevistas semi-estruturadas com autores, editores e teóricos. Algumas pessoalmente, outras por telefone ou e-mail, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Para enriquecer a pesquisa, foram selecionados três escritores considerados mais representativos da nova geração que foram reunidos em estudos de caso no capítulo quatro. Em forma de entrevistas, complementadas com biografia e trechos dos livros, o início da vida literária cibernética dos escritores, retratada na primeira parte da monografia, é detalhada no último capítulo que mostra a trajetória completa de cada um deles rumo à publicação dos primeiros livros impressos.

O tempo de pesquisa breve, a escassez de fontes teóricas específicas e a dificuldade de se estudar um fenômeno em plena ebulição fazem com que esse trabalho seja um mapeamento inicial da nova situação da literatura brasileira contemporânea. Ainda estamos longe de compreender e catalogar como essa ferramenta alterará o conceito que até hoje relega aos impressos o status de literatura, confundindo-se o suporte com a narrativa do texto. Ao mesmo tempo, não se pode desprezar McLuhan e a sua máxima “o meio é a mensagem”<sup>2</sup>. A Internet não é apenas uma nova ferramenta de difusão, como o mimeógrafo que acelerou a multiplicação das cópias. Há uma série de mudanças que a interatividade da Rede traz e esse trabalho pretende servir de incentivo a multiplicação dos estudos sobre essa nova condição de produção e consumo da literatura.

A descrição dos trabalhos de alguns autores mostra como esses literatas deixam seu isolamento e quebram o tabu do original entregue ao editor, espalhando pedaços de texto não editados, como pegadas a serem rastreadas no ciberespaço. Através dos livros publicados é possível ver como o mercado editorial acolhe ora com desconfiança, ora com esperança de boas vendas, os novos escritores virtuais. E precisar, a partir de entrevistas

---

<sup>2</sup> MCLUHAN, 1993, p.339

e matérias, a importância que a Rede assume como divulgação e difusão de conceitos literários e obras que trafegam em velozes bits sem destino pré-definido. Esse estudo, de maneira mais utópica, é ainda uma tentativa de desmontar o lugar comum de pensamentos reacionários que insistem em propagar que boas obras literárias ainda não foram digitadas no século XXI.

## **1- MANUSCRITOS DO COMPUTADOR – POPULARIZAÇÃO DE FERRAMENTAS QUE FACILITAM A PRODUÇÃO DE TEXTOS**

O homem sempre tentou conceituar o espaço, o tempo, a transcendência, o real e o virtual. No início, com medo da incerteza das definições, apoiou-se na infalibilidade da matemática e no consolo das religiões. Ao longo dos séculos, a crença na ciência tornou-se messias da verdade e das regras de conduta. Com a revolução da informação, na década de 70, a técnica – que, na sua exatidão, era garantia de conforto ou de temores relegados à ficção científica – passa a suscitar questionamentos sobre essa nova condição de *ciberhumano*.

Com a popularização da Internet o conceito de espaço é posto em questão, uma vez que a presença física do corpo torna-se desnecessária à experiência da alma. As técnicas de simulação realizadas no ambiente virtual alteram o cotidiano, seja no plano do trabalho, das relações familiares ou nos meios sociais. Comunidades, organizações não governamentais, romances, sites jornalísticos e obras literárias multiplicam-se na Rede. Indo muito além do armazenamento e coleta de dados, o ciberespaço abre novas perspectivas de interação social e fragmentação de identidades em chats, páginas pessoais ou blogs – que, apesar de ainda não terem completado sete anos históricos, já promoveram uma série de mudanças sociais, editoriais e literárias.

A cultura como ideal social ganha uma nova dimensão com o surgimento de um *lócus* virtual e a tecnologia passa a servir de mola propulsora para a mobilização de indivíduos que, antes afastados pela geografia, estão novamente em contato, com o poder de enunciação garantido pela própria lógica da Rede.

### **1.1- Internet – Nascimento, difusão e questionamentos**

O reino perfeito espera por nós, dizem-nos não atrás dos portais do Paraíso, mas além dos portais da Rede <sup>3</sup>

O termo ciberespaço – cunhado, em 1984, no romance de ficção científica

---

<sup>3</sup> WERTHEIM, 2004, p.18

*Neuromancer*, de William Gibson, descrito como “uma espécie de alucinação consensual vivida por milhões de pessoas, como linhas de luz arrumadas no não-espço da mente, cachos e constelações de dados” - é hoje mais que uma tecnologia de comunicação. A primeira versão de uma rede, a Arpanet, foi criada em 1969 nos EUA, com o objetivo de possibilitar a troca de dados entre quatro terminais inteligentes. A evolução da Internet como se conhece atualmente só ganha corpo mais de uma década depois, com o desenvolvimento, em 1983, do TCP/IP, o protocolo de transferência de dados usado até hoje. Antes restrita à experiências científicas e empresariais, a Rede passa a ser uma alternativa possível ao grande público, que se encanta com as primeiras trocas de informações feitas entre máquinas conectadas por fios.

Em 1990, surge o primeiro serviço comercial de Internet, o The World, nos EUA. Ainda restrita ao meio acadêmico, a Rede começa a realizar trocas de informação – técnica antes vista apenas em filmes de ficção científica. No ano seguinte, o desenvolvimento do padrão WWW (World Wide web) permite que os usuários trafeguem através de um sistema de hipertexto pouco complexo e abre caminho para a popularização da Internet. Com o uso do padrão, através da simples digitação de um endereço, páginas e mais páginas de textos virtuais podem acessados e navegados. Paralelamente, o desenvolvimento de computadores mais velozes e novidades em hardware, como mouse e kits multimídia, facilitou, enriqueceram e naturalizaram a experiência virtual.

No Brasil, os primeiros servidores de Internet chegam em 1994 e no fim do ano seguinte já havia mais de 20 provedores comerciais no país, com um número de usuários ainda tímido: cerca de 120 mil pessoas. Em janeiro de 2005, o IBOPE divulgou que os internautas brasileiros somam 20,5 milhões. A intensidade da experiência virtual brasileira também pode ser verificada através do tempo de conexão cada vez maior.

Apesar da naturalização da ferramenta, muitas utopias e medos ainda cercam as peculiaridades da Rede. A novidade da conexão entre as pessoas e da influência que o primeiro meio de difusão coletiva realmente interativo trouxe em termos de conhecimento foram assuntos debatidos exaustivamente em jornais, revistas e ensaios acadêmicos. A Rede, porém, não traz nada de realmente novo em si: quase todas as atividades desenvolvidas na Internet podem ser feitas sem o uso do computador – a diferença está na



velocidade que as trocas de informação adquirem no espaço virtual. Por intermédio de um e-mail, economiza-se tempo e dinheiro e ainda é possível enviar a mesma mensagem para centenas de destinatários. Os bate-papos e o correio eletrônico vencem distâncias e podem ser portadores de mídias diversas, como músicas, softwares e até mesmo livros, eliminando a necessidade de um transporte físico.

A Internet é uma criação mais social que técnica. Eu a construí para um efeito social – ajudar as pessoas a trabalharem juntas – e não como um brinquedo tecnológico. A finalidade última da web é ajudar a melhorar a ‘teia’ de nossa existência no mundo. Nós nos agrupamos em famílias, associações e empresas. O que acreditamos, endossamos e aceitamos é representável, e cada vez mais, representado na web.<sup>4</sup>

O impulso na disseminação de letras e informação de um modo geral, alavancado pela Internet, ultrapassa o imaginário de produtores de cinema e passa a fazer parte do cotidiano da população, forçando a redefinição de conceitos como espaço, tempo, autoria e literatura. Como um novo palco de convívio social não sujeito às leis da física, onde a materialidade dos átomos dá lugar à imaterialidade dos dados.

Além de alterar a concepção de espaço, a realidade virtual reconfigura a vivência do tempo, no que tange à viabilização técnica de diversos processos de simulação. Nestes, presente e futuro convivem em um só processo, tornando a experiência, em ambas as realidades, híbrida e, por vezes, indistinguível. A simulação virtual também provoca, em última instância, uma crise da diferença entre os opostos norteadores da modernidade (verdadeiro X falso, passado X presente, real X virtual).

Outro fato relevante acerca do ciberespaço é o surgimento de comunidades virtuais com uma capacidade aglutinadora impressionante, dada à facilidade de acesso às informações e a independência da co-presença física. Muitas têm como ponto de encontro blogs e listas de discussão, que nascem de modo informal e, na maioria das vezes, sem grandes expectativas, mas acabam tornando-se verdadeiros difusores de movimentos culturais. Por ser flexível e ter intensos fluxos de comunicação permanentemente atualizáveis, o espaço virtual possui muitas formas de ocupação "irregulares", que

---

<sup>4</sup> BERNERS-LEE, T., cientista e criador da world wide web, apud ERCÍLIA, 2001, p.8

sobrevivem nas "encostas da rede", por assim dizer, constituindo fontes de pesquisa pouco confiáveis e conteúdos de qualidade duvidosa. Em contrapartida, as comunidades virtuais sofisticam cada vez mais suas páginas, com o objetivo de ganhar tanto representatividade como visibilidade na Rede e da grande imprensa.

Deste modo, a cultura como ideal social adquire uma nova dimensão com o surgimento das comunidades virtuais, distribuidoras do poder de enunciação e da liberdade de expressão. A tecnologia passa a servir de mola propulsora da mobilização de indivíduos que, antes afastados pela geografia, estão agora novamente em contato, produzindo uma grande diversidade de formas de interação. Essa possibilidade de interação em tempo real e velocidade de dados, nunca antes vistos, altera as estruturas de publicação, divulgação e linguagem do material disponível na Rede.

### **1.2- Novas ferramentas, críticas antigas**

O surgimento de novas vozes e hábitos de leitura e escrita ressuscita velhos temores reacionários e profecias apocalípticas que acompanham as transformações impostas pela técnica. Boa parte das críticas defende que ao absorver um novo conjunto de signos peculiares da escrita na Internet, além de abreviações e neologismos, à norma culta da linguagem fica ameaçada. Outras razões que fomentam o receio do mercado editorial vigente são a alteração da ordem de produção e ameaça ao *status quo* estabelecido e, principalmente, a dificuldade de mensurar as transformações que o surgimento de uma nova mídia sempre provoca.

O surgimento de cada nova mídia é marcado pela ansiedade dos homens de letras quanto ao futuro de seu campo de atuação profissional. A lista de prognósticos agourentos e alvissareiros é extensa: de um lado, a inquietação diante da desestabilização do sistema cultural (com sua ordem hierárquica de valores, competências e status), o temor da fuga do público leitor, o receio do esvaziamento do papel legislativo e de consciência geracional da *intelligentsia* literária; do outro, a expectativa da abertura de novos (e mais influentes) horizontes de trabalho e de possibilidade de intervenção criativa e política.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> FREIRE, 2004a , p.85

Além do medo da corrupção da linguagem, há críticas em relação ao enfraquecimento da cultura literária e temor de que o tempo destinado à leitura de clássicos impressos seja reduzido. A popularização da escrita e modificação da instituição literária é considerada uma espécie de sacrilégio – a democratização da publicação *ad infinitum*. A produção imediata, efêmera e com poucas possibilidades de controle balança o conceito de autoria e inicia uma série de problemas inerentes a textos não creditados e fraudes. E compõem na Internet um território instável, onde as identidades não podem ser facilmente comprovadas. A quantidade de informação disponível, mas desorganizada, e a dificuldade de construir textos coesos também são problemas creditados à Rede e geram editoriais prevendo a desordem que a expansão da Internet provocará.

Seja em português, em inglês ou em qualquer outra língua do planeta, a Internet já começa a modificar os usuais meios de comunicação reputados como corretos. É melhor pensar nas implicações desse fenômeno antes que seja tarde demais e as línguas já estejam descaracterizadas pela extrema e cada vez mais rápida popularidade da Rede.<sup>6</sup>

Os argumentos críticos contra a Internet guardam muitas semelhanças com as profecias terríveis feitas por ocasião do surgimento do cinema e da televisão. Na obra *Sobre a televisão*, Pierre Bourdieu afirma que a capacidade de difusão elevada e a necessidade de divertir a qualquer custo potencializam a baixa cultura e formação de uma massa de telespectadores acríticos. As análises em relação à Internet também estão próximas de anunciar o fim da alta cultura. Afirmações de que o meio estimularia o roubo de propriedade e a falsificação de identidades (como se, na própria técnica, estivesse o estímulo a sua corrupção), e prejudicaria a construção de um conhecimento solidificado pela leitura são freqüentes.

A Internet acelera a imersão em uma realidade virtual desconhecida, tornando fluidas as fronteiras entre real e virtual. Alega-se que “Os cibernavegantes ‘comuns’ correm o risco de perder o sentido do real, ou seja, dos limites entre o verdadeiro e o falso, entre o que existe e o imaginário”<sup>7</sup>. A televisão foi considerada por Sérgio Porto uma “máquina de

---

<sup>6</sup> PEREIRA, A. **Conceitos e (pré) conceitos sobre o escrever na Internet e na Escola**. Disponível em: [http://www.editoradimensao.com.br/revistas/revista48\\_trecho.htm](http://www.editoradimensao.com.br/revistas/revista48_trecho.htm). Acesso em: 02 abri. 2005

<sup>7</sup> FREIRE, 2001, p. 16

fazer doidos” e por Bourdieu, o “novo ópio do povo”, portanto um meio que poderia alterar a noção da realidade. As semelhanças não são coincidências. Acontecem porque tanto a epistemologia da TV quanto da Internet são diferentes da mídia impressa. E são acusadas de constituírem ameaças à construção da cultura - restrita ao bom gosto das obras clássicas, como se a população estivesse sob risco iminente de perda da capacidade cognitiva e literária, tal qual indicam os fragmentos destacados.

The ubiquity and perceptual automatism of television images – the ultimate expression of the society of spectacle, “the culture of entertainment” the age of post thought – are held up as the principal culprits of the degeneration of the cognitive and abstractive capacity, leading to a wave of illiteracy and dyslexia <sup>8 9</sup>

Sobre a Internet, os argumentos não são muito diferentes, ignorando todas as peculiaridades de um meio no qual o usuário precisa escrever e ler, e pode, pela primeira vez, assumir o papel de enunciador.

De uns tempos pra cá, porém, andei percebendo, sem que ninguém me dissesse, que muitos dos problemas que eu atribuo aos blogueiros são, no fundo, defeitos de fábrica da minha própria geração, e das posteriores. Somos quase todos, sem exceção, um bando de disléxicos e desarticulados. O fato, por exemplo, do blogueiro<sup>10</sup> ficar na nota ou na frase e não conseguir extrapolar para o texto e para a análise é menos uma falha dele do que uma marca da geração X, Y ou Z – a atual, internauta. <sup>11</sup>

Por ser um veículo interativo e veloz, a Rede cunha uma linguagem própria, com abreviações, substituições fonéticas e um vocabulário particular. Os emoticons (as “carinhas” desenhadas com pontos, colchetes e letras) resumem frases e agilizam a linguagem que precisa ser veloz para funcionar em tempo real, nos chats e e-mails. O uso das substituições fonéticas e mudanças gráficas (como substituir ch por x) preocupa por deturpar a grafia da língua, mas se usada apenas para poupar tempo, estabelece um novo

---

<sup>8</sup> FREIRE, 2004c, p. 301

<sup>9</sup> A onipresença e o automatismo inerente às imagens da televisão – a mais atual expressão da sociedade do espetáculo, a “cultura do entretenimento”, era do pós pensamento – são considerados os principais responsáveis pela degeneração da capacidade cognitiva e abstrativa, conduzindo a uma onda de ignorância e dislexia.

<sup>10</sup> Blogs são ferramentas de fácil publicação na Internet, detalhadamente explicados no próximo item.

código, como “a língua do P” adotada pelas crianças ou o código Morse usado para comunicações específicas.

Os editores e autores (como será demonstrado no capítulo três) não consideram a Rede uma ameaça nem à vendagem das obras, nem à construção de um pensamento coeso e associativo. O livro como objeto, que existe desde o século 16, encontra na Rede um espaço para divulgação, discussão e vendagem. A substituição do livro como objeto não parece ter tido muito sucesso: a maior parte dos leitores, quando precisa ler grandes conteúdos analíticos, imprime os arquivos, voltando à mídia impressa.

Dessa forma, as críticas datadas e retrógradas evidenciam que o ciberespaço ainda é um meio bastante recente e que não foi explorado o suficiente em suas possibilidades, arruinando qualquer tentativa de previsão consistente. Por enquanto, os sintomas evidentes são um aumento na frequência de escrita, inerente ao meio, e um crescimento do público leitor brasileiro (influenciado também pela Rede). No mercado editorial, as pequenas editoras independentes se modificam e fazem uso da Internet para vender livros e fixar sua identidade. Respeitando as particularidades de cada meio, a contaminação entre as técnicas acontece de maneira fluida, e nunca substitutiva, e a linguagem e as trocas no espaço virtual podem ser encaradas como específicas e ricas em possibilidades, inclusive como propagadoras da cultura escrita em múltiplos formatos.

### 1.3 Particularidades do Hipertexto

*A tecnologia não é neutra. Estamos dentro daquilo que fazemos e aquilo que fazemos está dentro de nós. Vivemos num mundo de conexões – e é preciso saber quem é feito e desfeito.*<sup>12</sup>

Com a difusão da Internet, o computador deixa de ser apenas uma máquina de escrever sofisticada e exacerba os limites da edição e re-escrita. O link é um convite ao leitor para que ele passeie por diferentes fragmentos ou planos e escolha onde aprofundar

---

<sup>11</sup> BORGES . **Apocalípticos, disléxicos e desarticulados**. Disponível em : <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1557> . Acesso em : 05 de abri. 2005

<sup>12</sup> HARAWAY apud SILVA, 2000, p. 25

conceitos e ir desviar do texto principal. Com o texto na tela, o receptor pode estabelecer a ordem de sua leitura, escolhendo ater-se a detalhes, buscar imagens ou sons, e libertar-se enfim da linearidade e imutabilidade inerente ao texto impresso.

O historiador do livro, Roger Chartier afirma que a cultura do manuscrito e do impresso tem uma continuidade de formato forte, o próprio objeto livro sofreu poucas alterações do século XVI aos dias de hoje. A Internet, porém, é uma ruptura, porque o objeto escapa à apreensão da história material. A escrita torna-se fluida e editável. Na Rede, escrever é ler, ler pode ser escrever e publicar é também divulgar. Nos textos que exploram minimamente as ferramentas do ciberespaço (e não se limitam simplesmente a reproduzir o discurso linear), o leitor é convidado a fazer comentários, introduzir textos e estabelecer associações. Anotações antes feitas nas margens do livro, marcas e sublinhados ganham agora a possibilidade de serem inseridos diretamente nos documentos. Ao conquistar o espaço do texto original em comentários, adendos ou, até mesmo, sem nenhuma marca de autoria visível, como nos ambientes colaborativos virtuais,<sup>13</sup> um novo texto é constituído e apreendido pelo próximo internauta. O leitor que acessa a página em seguida tem sua interpretação expandida ou mesmo modificada por esse fragmento textual incorporado ao documento original. Assim, a lógica linear é substituída pela superposição de discursos.

O livro é um objeto e uma fonte de conhecimento ao mesmo tempo. Sua transformação eletrônica desaparece com o caráter físico do livro e o meio passa a ser o computador. A nova interface oferece diversas opções: é possível folhear o jornal, consultar informações em sites e inclusive ler um livro. A ordem de leitura também muda. É claro que num livro é possível ler do início ao fim, ou só alguns capítulos, mas a totalidade do trabalho é imposta. Na Rede é fundada uma desconstrução de pensamento, por não ser organizada fisicamente.<sup>14</sup>

Além da interatividade na construção de discursos, a maior característica da literatura online talvez seja seu potencial extensível facilitado. Ao ler um livro, nem sempre

---

<sup>13</sup> Os ambientes colaborativos armazenam textos construídos coletivamente na Rede. Cada internauta pode acrescentar conceitos, frases e opiniões, sem nenhuma marca textual que identifique a autoria do comentário. É o caso da enciclopédia Wikipedia, criada em 2001, construída e organizada por internautas voluntários.

<sup>14</sup> CHARTIER apud RANGEL. **Tecnologia é aliada do livro**. Jornal do Brasil, Caderno Internet, p.5. Rio de Janeiro, 2005

é possível consultar dicionários, buscar dados de edição ou contexto da obra. Quando esse texto está na Rede, porém, a facilidade de buscar informações, construir pensamentos, estabelecer ligações é evidente: o usuário sempre pode voltar ao índice para escolher outro texto, ou clicar na palavra para descobrir seu significado, se o computador em uso tiver um dicionário eletrônico.

Mesmo que o autor da obra virtual opte por apenas reproduzir o texto na tela, sem preocupação em utilizar links, ferramentas multimídia ou promover qualquer edição no original impresso, a relação de leitura é alterada pela mudança do suporte. O contexto que cerca a narrativa interfere diretamente no sentido que a obra apreende. Ler um conto que faz parte de uma coletânea temática, por exemplo, em um livro impresso é diferente de ler a narrativa na tela. No livro o contexto é alterado, e o leitor é guiado pela temática e pelas narrativas que antecedem ou sucedem o conto. Na tela há links, vários títulos em um mesmo plano e ilustrações ou propagandas em pop-ups que disputam a atenção do internauta.

O conceito de multitarefa trazido pelos sistemas operacionais, que permite a abertura de várias janelas ao mesmo tempo, faz com que o usuário raramente esteja concentrado em apenas um texto. Ele pode ler um conto enquanto baixa e-mails, conversa em chats em tempo real e lê jornais. E reproduzir a música de um CD, MP3 ou estação de rádio online. Em vez de virar a página, ele clica na barra de rolamento ou seleciona outro texto através das opções dos menus existentes. Se desconhecer algum termo, pode facilmente abrir um buscador e selecionar uma referência conhecida. É possível ainda recortar um pedaço do texto e colar em sua página pessoal, comentando-o e ilustrando-o. O leitor não está sozinho, há uma série de presenças virtuais, referências e possibilidades circundando o espaço da narrativa. E, dessa vez, não há pudores em invadir a “obra sacra” do autor, sublinhando ou comentando o texto.

O hipertexto, “não se limita a aparecer como uma tecnologia de substituição do livro e do papel, mas se assume como um novo paradigma conceptual de texto”<sup>15</sup>. Essas modificações impostas afetam as linguagens e, portanto, as formas clássicas de se construir e definir literatura. O texto virtual permite usos, manuseios e intervenções do leitor

infinitamente mais numerosos e livres do que qualquer um dos formatos anteriores do livro.

O leitor salta da escrita da margem para o centro, no sentido literal e figurado.

O livro enquanto médium escreve o texto no circuito comunicacional – autor, livro, leitor - delimitando-lhe origem e destino, época e espaço. Operar o texto em Rede é libertá-lo de uma configuração objectal e fechada e promover outro descentramento – ele passa a situar-se na dimensão dos textos que o envolvem<sup>16</sup>

Nas novas possibilidades que o virtual oferece ao texto, parece se materializar o desejo iluminista de facilitar as intervenções no espaço de discussão ou até mesmo o ideal Kantiano de poder exercer livremente o seu juízo. Na definição de espaço virtual está implícito “ O sonho de Kant – de que todos fossem leitor e autor, que emitissem juízos sobre instituições de seu tempo e ao mesmo tempo pudessem refletir sobre o juízo emitido pelos outros”.<sup>17</sup> O conceito de obra aberta também é expandido – não se refere somente à possibilidade de suscitar várias interpretações, mas à característica que o mundo virtual confere em multiplicar sentidos, realizações e atualizações. A confecção da obra pode ser infinita, cabendo ao leitor construir não apenas o sentido variável e múltiplo, mas também a ordem de leitura e as alterações que chegarão ao próximo leitor. Ler deixa de ser um processo passivo de recepção e se torna uma interação, um diálogo entre autor e internauta (que também pode ser autor). Ao alterar os conceitos que definem a literatura, construída nos limites do romance e na materialidade do livro, a Internet modifica a apropriação individual do texto e a produção da literatura contemporânea. O hipertexto pode ser considerado, também, a consagração de desejos da crítica literária pós-estruturalista e desconstrucionista .

(...) Roland Barthes, que reivindica o “texto ideal”, inacabado e aberto, onde as redes sejam múltiplas e interajam, de Derrida e sua reivindicação da desconstrução textual e *avant la lettre*, do dialogismo de Bahktin e sua defesa das múltiplas vozes presentes no texto; (...) com o hipertexto a crítica às idéias de margem, centro, hierarquia e linearidade central são substituídas pelas idéias de multilinearidade, nós, links e rede – advindo daí a importância

---

<sup>15</sup> BABO, 2001, p. 389

<sup>16</sup> BABO, 2001, p. 388

<sup>17</sup> CHARTIER, 1998, p. 134



do hipertexto para a literatura.<sup>18</sup>

O papel do leitor como co-produtor põe em cheque a autoridade do discurso e ao mesmo tempo dá voz a qualquer um que disponha de computador conectado à Rede. É com a Internet que o leitor como aquele que apreende e recria a mensagem do texto, que participa ativamente da construção da obra e acompanha a repercussão da mesma se consolida.

Se a teoria literária nos ajudou a compreender a leitura como um processo ativo de apropriação e de interpretação, e o papel do leitor como co-produtor do texto, as tecnologias de informação permitiram literarizar esse processo, através de recursos que permitem reorganizar ou reconstruir os próprios textos enquanto inscrições materiais.<sup>19</sup>

A relação com os textos tradicionais na Internet passa a ser alterada então pela possibilidade de edição e da nova condição do momento de leitura, que deixa de ser um ato solitário e único e pode contar com presenças virtuais. Dessa forma, o texto na Rede não compreende uma categoria nova, revolucionária ou base de um movimento literário, mas uma outra perspectiva acerca da textualidade. O hipertexto não substitui o livro, mas impõe modificações à obra impressa e a toda lógica da produção literária. As modificações são recebidas ora com festejos, pela democratização dos conhecimentos, ora com críticas que apontam a Internet como o reino da mediocridade e das informações prematuras, impostas pela rapidez e urgência em ocupar o espaço da fala que o meio parece potencializar. A própria constituição da escrita tem reflexos dessa nova temporalidade, com a proliferação de idéias rápidas, fragmentos textuais e gêneros de discurso que mesclam ficção, diário, ensaios e crônicas.

A materialidade do código e conjunto de recursos icônicos, semióticos, logográficos, tipográficos, temáticos, a arquitetura hipertextual (estrutura de Rede recomponível e recomposta) e o espaço enunciativo (re)enquadrado aliados a ferramentas, ao suporte e a seus dispositivos são responsáveis pelo surgimento de novos gêneros discursivos e textuais e de novas variedades de linguagem expressas por uma escrita de plasticidade e heterogeneidade, diferente das tradicionais, e provocam mudanças

---

<sup>18</sup> ALBUQUERQUE, 2000, p.86

<sup>19</sup> NUNES, 2001, p. 398

no ler/escrever<sup>20</sup>

#### 1.4- Blogs - Diários, atualização social e literatura

Capaz de brasileiro ter nascido para bloguear bem. Não vivem dizendo que nosso fôlego literário é curto? Que nosso negócio é o conto ou a crônica?<sup>21</sup>

Os blogs - ferramentas que facilitam a publicação de textos na Internet popularizando o poder de enunciação da Rede - foram o ponto de partida para as obras de muitos ficcionistas contemporâneos. A palavra blog é formada pela abreviação da união das palavras inglesas Web (Rede) e Log (diário ou registro), criada pelo americano Jorn Barger, em 1998. A ferramenta surge com o interesse em desenvolver sites pessoais sem a necessidade de conhecimentos técnicos em HTML (a linguagem de programação da Internet). Geradores de páginas muito similares a um site em aparência, a popularidade inicial dos blogs pode ser atribuída a dois fatores: facilidade no manuseio e possibilidade de interatividade. Até 1999, quem quisesse publicar na Internet precisaria de um mínimo de conhecimento técnico em linguagem de programação, a combinação de códigos que gera as páginas. Com a fundação do *Blogger.com*, em 1999, deixa de ser necessário dominar linguagens de programação para abrir e manter um blog: basta preencher um formulário com o texto a ser publicado e clicar no botão "publicar" (*post and publish*). Ao se cadastrar num site de blogs, é possível escolher se ele permanecerá visível a qualquer usuário da Rede ou não. Essa é uma escolha importante, que determina se a página será visitada somente pelos que dispõem de seu endereço (limitando o acesso) ou se poderá ser ordenada por assunto, listada como atualizada recentemente ou muito visitada. Enfim, se ela poderá ser encontrada facilmente em um site de buscas.

O usuário não precisa ter nenhum conhecimento em *webdesign*, já que são oferecidas várias opções de *templates* (layout ou visual do site). Essa facilidade fez com que milhares de diários se tornassem clones visuais. Por isso, algumas empresas resolveram investir no sucesso que os blogs alcançam e criaram vários tipos de serviços como contadores, testes

---

<sup>20</sup> COSTA, 2005, p. 105

<sup>21</sup> LESSA, 2004, p.8

de personalidade, programas de edição, *guestbooks* (livros de visita), entre outros. Depois de se cadastrar e definir o layout, é possível começar a escrever, ou *postar*.

De forma simplificada, o blog nada mais é que uma página web composta por pequenos parágrafos ordenados em ordem cronológica. O conteúdo varia entre narração de notícias, escritas íntimas e cotidianas como em um diário, piadas, notinhas de humor, coletâneas de links, contos, crônicas, fotografias, ou tudo isso misturado - de forma fragmentada ou organizada em páginas ordenadas por links. Os textos são geralmente curtos e de fácil leitura. Estima-se que hoje existam cerca de um milhão de adeptos à atualização de blogs no mundo, 60 mil deles apenas no Brasil (dados de 2002). Segundo o Ibope/Netratings, a subcategoria Member Communities, na qual estão incluídos os blogs, teve 7.08 milhões de visitantes únicos, em abril de 2005, o equivalente a 62,3% do total de internautas ativos. Em 2004, este número era de 6,4 milhões, o equivalente a 54,1% do total de ativos. Nos EUA, esta subcategoria teve 73,8 milhões de visitantes únicos, equivalentes a 54,6% do total de ativos.

Muitos fatores justificam o sucesso dessa ferramenta utilizada por mais da metade dos internautas brasileiros. Para alguns, é a chance de escrever livremente, de forma informal e personalizada. Outros buscam estar em dia com as novidades tecnológicas, já que embora o auge da multiplicação de adeptos da ferramenta no Brasil tenha sido entre os anos de 2001 e 2003, os blogs ainda são sinônimos de diversão, como os chats e os jogos. Ou utilizados como instrumentos de trabalho, no qual publicam-se informações técnicas ou notícias jornalísticas e constitui-se uma espécie de bastidores de notícias. Há ainda blogs mantidos por amigos que se encontram nas programações noturnas ou estudantes do mesmo curso. Outros atualizam os posts para se comunicar com a família, grupo de trabalho ou empresas. E também os que misturam um pouco de tudo.

O dinamismo, a facilidade e a liberdade que os blogs oferecem os tornam mais que um novo modo de se comunicar, mas um novo espaço de encontro de comunidades e grupos de amigos. Mesmo os que começaram sendo apenas relatos podem ser analisados atualmente como mais que verborragia pura, auxiliados pela inédita interatividade conquistada. Quase todos os blogs têm caixas para comentários ou ao menos um endereço de e-mail, para facilitar o contato. Usar um blog é como mandar uma mensagem

instantânea para toda a web e permitir que desconhecidos tenham acesso a suas palavras. E comentem, critiquem, transformem e opinem.

Essa nova forma de disseminação de discursos pessoais há muito inibidos pelos *mass media* confere algo mais que a posição de apático ouvinte aos usuários. Mais que isso: a conquista do papel de emissor, que se torna possível com a Internet, ganha força com os blogs, de utilização fácil e sem custos para quem já dispõe de computador e provedor de Rede. E dão vazão à necessidade de ser ouvido, de ser autor, de publicar palavras sem o risco das críticas do "mundo real".

O computador é um meio de comunicação privado por definição: é possível ver TV, ouvir rádio e ler um jornal em grupo, mas é extremamente desagradável utilizar um computador a dois. O blog é paradoxal porque exercita essa necessidade de privacidade levando ao público o que é pessoal. É a assimilação da derrubada entre as fronteiras do público e do privado pelo indivíduo, construindo um espaço onde pode desabafar sentimentos inconfessáveis a um público indeterminado.

Os limites do que pode ou não ser dito parecem inexistentes. Sexo, patologias, consumismo, falhas de caráter, tudo é dito nos blogs, mas quase sempre de maneira simpática ou colorida, para que os leitores se identifiquem e voltem. Com isso, pequenas comunidades vão se formando e são encaradas pelos otimistas como o auge da democratização da comunicação. Essa vontade de romper o privativo e de falar sobre tudo não faz com que a exposição da vida pessoal seja livre - muito pelo contrário - alimenta uma privacidade encenada, que pode ser observada em diários virtuais, *reality shows*, revistas de fofoca, etc..

Outro aspecto a ser analisado é que o computador permite ao autor realizar um desejo antigo: o de se expor sem ser visto. O público está admitindo que gosta de explorar a intimidade alheia - o voyeur no Big Brother dá vazão a um desejo que seria considerado patologia. Alguns com timidez ou vergonha, outros sinceramente admitindo que gostam da sensação de ver a intimidade de desconhecidos. Os limites entre privado e público se tornam fluidos e a identificação entre personagem pré-fabricado para ser visitado no blog e vida real é impossibilitada.

### 1.4.1 Além das confissões e relatos prosaicos

Muitos intelectuais tentaram reduzir os blogs a diários virtuais, mas a maioria dos blogueiros rejeita o termo, sob alegação de que os weblogs são muito mais que isso. Grande parte dos usuários se mantém fiel ao estilo diário, escrevendo blogs pessoais que exprimem idéias sobre as discussões do momento e narram as felicidades e frustrações cotidianas, alguns com pretensões literárias, outros utilizando o blog apenas como veiculação de idéias. Coletâneas do prosaico que começam a ser publicadas no suporte impresso provocaram a fúria de alguns literatos que conceituam os discursos como “umbiguistas” e vazios.

É uma geração mais linkada a uma literatura surgida a partir do suporte da Internet. Às vezes, nem existem referências literárias, a inspiração pode estar vindo do próprio umbigo do escritor, como no caso dos blogueiros (...) não há mais espaço para uma nova Clarice Lispector ou um novo Guimarães Rosa.<sup>22</sup>

O gênero literário do diário íntimo sempre sofreu críticas preconceituosas, classificado como um gênero de escrita menos importante. Os preconceitos são gerados, na maior parte das vezes, pelo fato de o escrito íntimo ser um privilégio de muitos, e não de uma minoria de literatos que teriam conquistado o poder da enunciação. A apropriação da ferramenta para divulgação de textos pretensamente literários também sofreu preconceitos, transformando os termos “escritor de Internet” e “blogueiros” em denominações pejorativas.

Ao longo de sua difusão, as ferramentas de fácil publicação foram ganhando novos usos. Seu formato hipertextual (atualização constante, de qualquer lugar e em tempo real, com utilização de links e outros recursos audiovisuais e alcance planetário) e a publicização, que não faziam parte das experiências com diários em papel, destroem aos poucos a denominação diário virtual. A principal ruptura do conceito está no fato de que os blogs são feitos para serem lidos e, a partir daí, uma escrita que teria como finalidade a reserva começa a funcionar como uma mensagem entre um emissor e um receptor. A qualidade textual desse laboratório online muitas vezes é julgada a partir da leitura de

---

<sup>22</sup> MORICONI apud BARCELLOS. Blogueiros na Berlinda. Caderno Idéias. **Jornal do Brasil** p.3. Rio de Janeiro/ 27 nov. 2004

trechos motivados apenas pelo afã de divulgar idéias. Mas, como opina o blogueiro e um dos fundados do site literário Paralelos, Rafael Lima, é possível dissociar a facilidade de publicação da ferramenta a má qualidade literária.

Quem escreve bem em blog, escreve bem em qualquer lugar. Sem editor censurando as camisas de força são rompidas. Há textos sensacionais em blogs que você não encontra impresso, ou em qualquer outro lugar. Saulo Bellow já tinha inveja dos escritores que não levavam a literatura a sério<sup>23</sup>

A multiplicação dos blogs com pretensões literárias cresce com o desenvolvimento de novas ferramentas de interação social, que liberam os blogs de suas função de apresentação ou página pessoal. Redes de relacionamento virtual como Orkut, Friendster e Multiply exibem perfis com preferências e fotos dos internautas, com listagem de gostos pessoais e formação de novas comunidades. O Multiply, aliás, incorpora um blog dentro de sua rede. Com a desobrigação das funções de diário e atualização social, o blog começa a ser considerado uma ferramenta que realiza o sonho de praticar a escrita e ser lido. Todos podem ser autores e controlar a emissão de letras e divulgar a escrita por meio de e-mails e chats, sem custos adicionais.

Ultrapassados pela novidade dos fotologs, diários fotográficos e moblogs<sup>24</sup>, seus irmãos com textos e imagens produzidos em celulares, os blogs amadureceram, alimentando os exibicionistas digitais e quem busca conteúdo mais elaborado, jornalístico ou literário<sup>25</sup>

Durante a Guerra do Iraque, vários blogs jornalísticos supriram de notícias os expectadores das TVs, que na Rede, passaram a ter acesso à informações das áreas de maior conflito. Explorando a facilidade de publicação de uma outra maneira, uma comunidade literária jovem começa a tomar corpo com a multiplicação de zines<sup>26</sup>, sites onde se discute literatura e blogs onde se faz literatura em prosa, verso e - por que não? - *egotrips*.

<sup>23</sup> Rafael Lima, em entrevista, finalizada em 20 mar. 2005

<sup>24</sup> Blogs que podem ser atualizados através do envio de mensagens pelo celular.

<sup>25</sup> NÓBREGA. **Diário virtual vira objeto de estudo e base para nova literatura.**

Disponível em <http://jbonline.terra.com.br/>. Acesso em: 11 abr. 2005

Quanto à linguagem dos blogs, a maioria dos blogueiros considera que seu formato já havia sido cunhado por outras ferramentas da Internet, como e-mails e chats, e acredita que a maior vantagem dos posts é a possibilidade de edição permanente. Nas obras impressas geradas a partir de blogs, é evidente a necessidade de uma revisão cuidadosa, que adapta a linguagem do blog ao suporte impresso, como na coletânea *Wunderblogs*, que reuniu textos de onze blogueiros. Alguns deles escritores, como Alexandre Soares Silva, que tem dois livros publicados: *A Coisa Não-Deus* e *Morte e Vida Celestina*, e Daniel Pellizzari, editor da Livros do Mal, e autor de *O Livro das Cousas que Acontecem* e *Ovelhas que Voam se Perdem no Céu*. A maioria do grupo usa o blog apenas para fazer prosaicas observações sobre o cotidiano. Na apresentação da coletânea, Ivan Lessa aborda as diferenças entre o registro online e o impresso, a leitura dos textos na tela do computador – diretamente nos blogs, com todos os seus recursos e as suas idiossincrasias – e na página do livro em questão.

Sou a favor da entusiástica, da embevecida, da erudita e até mesmo pretensiosa contemplação dos nossos próprios umbigos e sua subsequente descrição contanto que o processo seja feito com originalidade, verve e falte sistematicamente com a verdade. Mentir é o melhor remédio. Mentir é a única literatura. Um computador é o melhor plano de fuga do mundo <sup>27</sup>

Também descoberta através do seu blog, Brasileira Preta, (cujos posts foram reunidos no livro *Das coisas escondidas atrás da estante*) a escritora Clarah Averbuck rejeita o termo de escritora de blogs e classifica a ferramenta como apenas um espaço de escoamento de produção.

Existem livros de contos. De poesia. De crônicas. Por que não uma coletânea de textos publicados em um blog? Afinal, como eu estou cansada de dizer, mas continuo repetindo porque nunca param de perguntar, blog é apenas um meio de publicação para o que quer que o autor, dono e soberano do blog queira escrever. Receita de bolo, resenha de disco, resmungos mal-amados, histórias, realidades, mentiras. No caso do meu livro, só não tem receita de bolo. Um livro, uma coletânea de um blog, que é apenas um meio

---

<sup>26</sup> Publicações alternativas que começaram tratando de assuntos como ficção científica e bandas do cenário punk no meio impresso e depois evoluíram para assuntos como política, literatura, sexo, quadrinhos, poesias, feminismo, entre outros, também na mídia digital.

<sup>27</sup> LESSA, 2004, P. 7

de publicação para que os escritores não precisem de intermediários entre ele e os leitores. Não existe literatura de blog, só blog como meio de publicação para escritores e seus textos. Que podem perfeitamente ser publicados também em livro<sup>28</sup>

Com a recusa em associar os textos dos blogs diretamente a uma literatura pronta para ser impressa e a prematuridade em reunir traços de uma nova literatura construída a partir das especificidades da Internet, é possível conceituar a ferramenta como facilitadora dos estágios de criação, divulgação e publicação. Os blogs não constituem um movimento ou necessariamente diferenciam os fragmentos que poderiam ser escritos em folhas. Mas potencializam a publicação de escritores – blog é literatura latente, livro em potencial e escritor em treinamento. E aceleram a divulgação de iniciativas literárias diversas, como mostra o próximo capítulo.

---

<sup>28</sup> AVERBUCK. **Brasileira Preta**. Disponível em <http://brazileirapreta.blogspot.com/>. Acesso em: 8 de mar. 2005



## 2.0 - SUPLEMENTOS LITERÁRIOS NA REDE

### 2.1 - CardosOnline – berço de novos escritores

O CardosOnline foi uma das primeiras iniciativas de se produzir e divulgar literatura na Internet e onde começaram muitos dos escritores contemporâneos gaúchos e de outros estados. O fanzine por e-mail foi criado em 1998, quando a Internet ainda estava restrita a navegação em modo texto, o que significa que o acesso a imagens e efeitos era bastante primário. O projeto era despretensioso, um apanhado de textos de opiniões, críticas e colunas divulgados através de um portal de divulgação. Não havia um site para armazenar os arquivos, apenas um endereço que apresentava rapidamente o zine e dava instruções de como se inscrever para começar a receber os e-mails.

O formato do Cardoso surgiu por acaso, quando o universitário Felipe Cardoso, que cursava jornalismo, resolveu se comunicar com colegas de curso por e-mail (a Internet doméstica ainda era novidade no Brasil), já que a sua faculdade estava em greve e ele havia coletado mais e-mails do que telefones naquele primeiro semestre de curso. Em vez de mandar mensagens individuais, ele enviou uma espécie de relato cultural dos últimos dias a todos os colegas cadastrados na sua agenda. O protótipo de coluna (mistura de conto, crônica e opinião) e os comentários sobre livros, discos e filmes, alguns poemas, micro contos, filosofia e histórias teve uma repercussão estrondosa. Escritos em linguagem jornalística (sem, no entanto, estar submetido à prisão do lead e levando-se em conta que Cardoso é fã do jornalismo Gonzo<sup>29</sup>), os e-mails começaram a ser lançados regularmente. O grupo original era formado por Daniel Galera, Marcelo Träsel, Guilherme Pilla e o próprio Cardoso, todos universitários. Galera era o único que já tinha alguma experiência literária, tendo sido responsável pela criação do site *Proa da palavra*<sup>30</sup>, dois anos antes. O formato de informativo linear, armazenado em um arquivo de texto simples, ganhou seções fixas e foi crescendo com o acréscimo de textos dos amigos, em uma velocidade que somente o

---

<sup>29</sup> Jornalismo Gonzo - Vertente peculiar do Novo Jornalismo (ou jornalismo literário) criada e popularizada por Hunter S. Thompson em diversas reportagens para a revista Rolling Stone e livros-reportagem. O estilo consiste em literarizar a notícia, com envolvimento pessoal do repórter e narrativa opinativa e excêntrica, apoiada na habilidade descritiva do autor.

<sup>30</sup> O Proa da Palavra foi um dos primeiros sites a fazer a divulgação de novos autores, chegando a receber mais de 100 colaborações semanais.

uso da Internet poderia justificar. Cada número do CardosOnline era enviado a lista de e-mails cadastrados no “site-vitrine”, que nada mais era que uma página de abertura explicando o conteúdo das edições do Cardoso e dando instruções de como se escrever na lista de e-mails. Logo nas primeiras edições, o formato de envio foi estabelecido: um simples arquivo de texto corrido, sem fotos, links ou imagens, apenas o endereço de e-mail de cada autor e um editorial. A periodicidade escolhida foi bi-semanal, como explica Cardoso:

COMPUS um texto em um formato bastante similar a uma COLUNA de revista ou jornal, com dicas de livros, discos e filmes. Acrescentei algumas piadinhas, uns micro-contos, umas poesias, umas bobagens, contei algumas coisas sobre a minha vida e mandei para essa lista de uns 20 amigos, no máximo. Quase TODOS responderam com suas PRÓPRIAS dicas de livros, discos, micro-contos, poesias e bobagens variadas.<sup>31</sup>

Os temas mais freqüentes nos textos do COL eram parte da chamada “cultura alternativa”, literatura pop e egotrips. Logo no primeiro mês de envio do zine, mais quatro colaboradores se tornaram parte do grupo oficial: Daniel Pellizzari, Hermano Freitas, Clara Averbuck e Guilherme Caon, todos iniciantes, na casa dos vinte anos, quase todos universitários. As regras de publicação eram simples e a comunicação entre leitores e colonistas era feita através do próprio zine, acentuando o caráter interativo do mesmo:

“E aí, gostaram do novo COL? Acho que sim, pois recebi mail de quase todos os assinantes elogiando a mudança, e nenhum dizendo que não gostou. Bom sinal. Agora, qual será o próximo passo? Nossa lista de assinantes vem aumentando de forma vertiginosa, nem sei de onde vêm certas mensagens de elogio. Mas tudo bem, you can run but you can't hide, como eles costumam dizer. (...) As contribuições para a edição de segunda devem ser enviadas até as onze horas da noite de domingo e as para a edição de quinta, até as onze horas da noite de quarta-feira. Para as colunas fixas, tem o arreglo da meia-noite, como vocês sabem. E claro, podem mandar quando bem quiserem, eu organizo pra colocar segunda ou quinta.”<sup>32</sup>

<sup>31</sup> CARDOSO, em entrevista anexa, finalizada em 20 abr 2005

<sup>32</sup> CARDOSO. **CardosOnline**. Disponível em <http://www.cardosonline.com.br/>. Acesso em: 08 mar. 2005

A identificação dos participantes do zine era feita de maneira direta, com um cabeçalho fixo que seguia todos os e-mails com as crônicas. Nesse bloco de texto, estavam os e-mails dos colunistas e os nomes dos colaboradores, assim como instruções de como deixar de receber o zine (uma prática politicamente correta que só passa a vigorar anos depois, quando a quantidade de spams – os e-mails não solicitados de propaganda ou correntes – começa a se tornar o problema crônico que é hoje). Com essas informações, era possível se comunicar diretamente com os colunistas, comentar os textos e mandar colaborações. Como mostra o cabeçalho do zine 75.

CardosOnline <http://galera.simplenet.com/col> Email -  
[cardosonline@zaz.com.br](mailto:cardosonline@zaz.com.br) Staff: : André Czarnobai  
 ([cardosonline@zaz.com.br](mailto:cardosonline@zaz.com.br)) : Daniel Galera ([galera@ez-poa.com.br](mailto:galera@ez-poa.com.br)) : Guilherme Pilla ([guipilla@ez-poa.com.br](mailto:guipilla@ez-poa.com.br)) : Marcelo  
 Träsel ([trasel@ez-poa.com.br](mailto:trasel@ez-poa.com.br)) : Daniel Pellizzari  
 ([sangria@softhome.net](mailto:sangria@softhome.net)) : Hermano Freitas  
 ([peregrino@mindless.com](mailto:peregrino@mindless.com)) : Clarah Averbuck  
 ([jazzie@innocent.com](mailto:jazzie@innocent.com)) : Guilheme Caon ([guicaon@ez-poa.com.br](mailto:guicaon@ez-poa.com.br)) Colaboradores: Chinelo e brega: Rodrigo Müzzell A  
 pedido de Ariela Boaventura: Luís Augusto Poppuchi DACOM  
 99: Gustavo Spanholi O pedante: Dante Sasso Da Lama ao Caos:  
 Marco Tulio Bastos . Para cancelar a assinatura e parar de receber  
 o COL, basta enviar uma mensagem com o assunto: CHEGA! para  
 o [cardoso@cardosonline.com.br](mailto:cardoso@cardosonline.com.br) .<sup>33</sup>

Em poucos meses, o COL somava quatro mil assinantes e uma presença expressiva na mídia tradicional em jornais, revistas, rádios e TVs, além de ter sido precursora de diversas iniciativas na Internet. Muitos suplementos da Rede apontavam para o Cardoso. Jornais da grande imprensa, como a Folha de São Paulo, fizeram matérias sobre o novo fenômeno da literatura jovem. O zine passou a ser uma referência, era um meio de checar o que os estudantes estavam lendo, ouvindo em seus computadores e produzindo em forma de letras.

A motivação para produzir o informativo não era publicar ou fazer literatura. O espaço foi usado como experimentação e troca, que mais tarde viria a se transformar em um grande aliado, tendo ajudado a construir uma rede de amigos, onde muitos se tornariam escritores. Com fabricação artesanal e pouca exploração das ferramentas da Internet– os

<sup>33</sup> CARDOSO. **CardosOnline** . Disponível em <http://www.cardosonline.com.br/> . Acesso em: 08 mar. 2005

textos não são quebrados em links, não há uso de cor ou indicação de arquivo para download. O zine funcionava como um informativo impresso que era recebido por e-mail. O lado amador e pouco preocupado com a “imagem” técnica aos olhos do leitor é decorrente também do processo de edição - tão simples quanto desorganizado.

“ Eu selecionava os textos. No final do zine, recebia uma média de 10 a 15 por dia. No começo lia todos; depois, nenhum por inteiro. Lia o primeiro e o último parágrafo, o título, e um trecho aleatório no MEIO. Depois de um tempo, eu já conhecia o NOME dos colaboradores, e acabava publicando os MELHORES só de ler o nome.<sup>34</sup>

Logo nos primeiros números, o caráter interativo é evidenciado pelas cartas dos leitores (que elogiam, criticam, opinam) e são respondidas pelos editoriais ou pelo próprio colunista a quem se referem. No oitavo zine, Galera se surpreende com a quantidade de respostas à sua coluna anterior e ironicamente afirma que “o COL está ficando dialético!”. Os assuntos mais retrucados são polêmicas sobre música, relacionamentos e drogas. Não raro, após o texto da coluna da semana, são abertos adendos que respondem às colunas anteriores dos companheiros de zine ou aos leitores. A proposta não era apenas publicar, mas aproveitar ao máximo a primeira mídia verdadeiramente interativa, dialogar com leitores e dar espaço a novos colaboradores.

A variedade de temas, linguagens e polêmicas era respeitada, segundo o editor do Cardoso. Como a proposta editorial não era unificadora e o objetivo não era comercial, não havia quase nenhuma censura ao conteúdo editorial. Cardoso afirma que a edição era mínima e específica: “Nas quase 300 edições do COL, só censurei DUAS palavras em duas colunas distintas do Hermano, porque continham uma ambigüidade que poderia lhe render problemas, como anteriormente havia acontecido comigo”<sup>35</sup>. A referência aos “problemas” diz respeito a um dos primeiros textos do COL onde Cardoso se desculpa por considerações publicadas que alguns dos leitores consideraram racistas.

A principal motivação para a criação do COL foi a interação social e o escoamento de uma produção textual que estaria relegada à gaveta ou no máximo a panfletos

<sup>34</sup> CARDOSO, em entrevista anexa, finalizada em 20 mai 2005

<sup>35</sup> CARDOSO, em entrevista anexa, finalizada em 20 mai 2005

universitários, se não fosse o acesso à Internet. A qualidade dos escritos ainda é bastante questionável, com um vocabulário coloquial e descuidado e alguns fragmentos mal escritos, repletos de erros gramaticais e muitos clichês. Alguns colunistas, porém, como Daniel Galera, já demonstram um amadurecimento textual e pretensões literárias. O que pode ser percebido, por exemplo, na coluna “Diálogo embriagado com Hilda Hilst”.

Se a todos os químicos, físicos, engenheiros e matemáticos fosse demonstrado que seu esforço é inútil, e que a lucidez reside na ausência de balizas, exatamente no fluxo caudaloso, não teria havido nunca civilização. E, na ilusão de ser lúcido, lá se vai mais um empresário pela janela, mais um homem de terno que se atira do alto de um prédio. E apenas um louco compreenderá o significado destas lascas de crânio espalhadas na calçada.<sup>36</sup>

Clarah Averbuck, a única representante feminina do grupo, fazia claramente um diário eletrônico. Suas colunas eram escritas íntimas, quase sempre em primeira pessoa, e narravam passagens de uma personagem, entre Clarah e o que ela gostaria de ser, uma mulher que trafega entre o cotidiano e a ficção. Ela própria admite, alguns anos depois, que fazia uma autobiografia romanceada. Os relatos vão de festas e pensamentos sobre a vida à situações insólitas, como uma prisão por ter colocado os pés sobre a mesa em um shopping ou a aventura de ir sozinha a um show de rock.

Eu precisava, PRECISAVA dividir a minha alegria com alguém, por deus, eu estava prestes a ver o Chili Peppers com a formação mais fera, com meu guitarrista preferido, damn, puta merda, precisava abraçar alguém, mas no meio daquela manelada tava difícil. Até que eu vi três caras geek num canto, meio catatônicos, com a mesma cara que eu devia estar. Ah, mas não tive dúvidas: cheguei pertinho deles e disse "DIVIDAM A ALEGRIA DE VOCÊS COMIGO!" Eles ficaram olhando. "DIVIDAM, EU DISSE!" Aí, eles riram e nós ficamos tendo orgasmos juntos e concordando em todas as músicas que eles deviam tocar.<sup>37</sup>

O texto do Cardoso era variado e opinativo, entre comentários sobre música, análises “filosóficas” repletas de ironia e quase nenhuma preocupação em ser literário. Ele é quem mais se aproxima da crônica, com dezenas de relatos pessoais sobre observações cotidianas. Ao escrever para o COL, Cardoso adquire o direito a publicação, em uma época

<sup>36</sup> CARDOSO. **Cardosonline**. Disponível em <http://www.cardosonline.com.br/>. Acesso em: 08 mar. 2005

<sup>37</sup> CARDOSO. **CardosOnline**. Disponível em <http://www.cardosonline.com.br/>. Acesso em: 08 mar. 2005

em que ele próprio admite que não estava preparado para passar a publicação em papel. O zine por e-mail jamais pretendeu ser impresso, exceto por pequenos folhetos com textos curtos, feitos para serem distribuídos nas festas do grupo. Atualmente, produções colaborativas de textos, podem ser vistas em portais de blogs – grupos como o Wunderblogs e Insanus, que divulgam em um mesmo endereço vários blogs que dialogam entre si.

O diálogo, no CardosOnline, é feito entre colunistas e também com os leitores, em editoriais e dentro das próprias colunas. Em uma das edições, Cardoso chega a pedir desculpas pelos descuidos (estava “envolvido com um trabalho de metodologia científica”). Em dezenas de outros, comenta sobre bandas de rock, programação da MTV e faz declarações de amor, sem contudo revelar nomes, estabelecendo uma “piada interna” com o grupo do Cardoso e com os amigos mais próximos da “esfera real”. Em suas crônicas, ele consolida como marca pessoal o “estilo caps lock”, que consiste em marcar em caixa alta as palavras mais relevantes do texto. A técnica nasceu em um canal de Irc<sup>38</sup> e passa a fazer parte da sua escrita, marca registrada em seus textos online e em coletâneas de contos que seriam lançados em meio impresso, quatro anos depois da estréia do COL, quando Cardoso já se julgava preparado para o papel. Em *Abjeto abigeato*, publicado em *Dentro de um livro*, o estilo literário repleto de trocadilhos é um evidente trabalho de escultor de palavras, bem distante da maneira irreverente que usava para descrever os relatos étlicos e opiniões musicais no Cardoso.

Lobos e ratos BALEIAM seus balés e CAMBALEIAM por cima das mesas embrulhadas em pano fino enquanto as BALEIAS dividem as atenções, menos nobres com os LUSTRES e o ILUSTRE que autografa, assentado, um importante FASCÍCULO. Há, também, um DESDÉM no ar – e é de MIM que ele vem.<sup>39</sup>

Em 2001, o Cardoso chega ao fim. Os participantes estavam desanimados com o projeto, que já completava dois anos, e queriam tentar novos caminhos de expressão na Rede e no mercado impresso. O formato do informativo também estava ultrapassado. No

---

<sup>38</sup> Canais de Irc foram os primeiros espaços de bate-papo que se popularizaram na Internet. O usuário se conecta através de uma Rede, escolhe um apelido e entra em uma sala virtual temática ou privada.

<sup>39</sup> GIANNETTI, 2005, p. 70

auge do CardosOnline, Clarah já havia apontado para a vontade de explorar mais os recursos da Rede usando imagens e modernizando o visual para os leitores, mas a parte da identidade do COL estava em seu formato simples e despretensioso. Outro fator que contribuiu para o fim do Cardoso foi a popularização dos blogs, como comprova Galera ao dizer que “ É fato que, com os blogs, a idéia de um fanzine por e-mail já não é mais tão especial, tanto que hoje em dia eles são muito raros, após a explosão que foi inaugurada, no Brasil, pelo CardosOnline em 1998 ”.<sup>40</sup>

Com o fim do zine, alguns colonistas enveredaram para a edição e jornalismo ou para a literatura. Guilherme Pilla desenvolve projetos artísticos e produziu trabalhos premiados em cinema, como o filme *Outros*, de Gustavo Spolidoro. Além disso, ele é co-fundador e ilustrador da editora Livros do Mal, que está atualmente em recesso editorial. Clarah Averbuck manteve por muitos anos o blog *Brasileira Preta*, que teve os posts reunidos e publicados no livro *Das coisas esquecidas atrás da estante*. Lançou, ainda, *Vida de Gato* e *Máquina de Pinball*, que foi transformada em peça de teatro e teve seus direitos vendidos para o cinema. Daniel Galera é tradutor (responsável pela versão em português de *Trainspotting*, entre outros), editor da Livros do Mal e autor de *Dentes Guardados*. Daniel Pellizzari trabalha com Galera na editora e publicou *Ovelhas Que Voam se Perdem no Céu*. Cardoso publicou contos em coletâneas, como em *Dentro de um livro*, e está prestes a lançar sua primeira obra solo, uma coletânea de contos e crônicas. Além disso, Cardoso criou um novo blog com pretensões literárias. No endereço ele explica que agora tentaria se concentrar em escrever com seriedade, fazer uma experiência da escrita com o objetivo de se exercitar e quem sabe publicar. O post do blog marca a passagem de um estudante de comunicação que queria manter na Rede um espaço de experimentação e contato social para um novo escritor, que usa a Internet para lapidar textos e manter contato com o público.

Pois resolvi que ia transformar ESTE blog em uma experiência LITERÁRIA online. Ah, vai virar um ROMANCE online, então? Não sei. Acho que não. Pelo menos não no sentido CLÁSSICO, mas isso é LÓGICO. Ainda assim, talvez; quem sabe? (...) A princípio tudo bem livre e folgado, descomprometido e descompromissado. Um espaço pra exercitar meus FLOREIOS,

---

<sup>40</sup> GALERA, em entrevista anexa finalizada em 22 abr 2005

uns golpes de SABRE e de VERBETES. Às vezes dá saudades, entendes?. E como tu vai saber o que publicar? Vou publicar LITERATURA. Blog é literatura? Não me faça rir. Já fez. Mas quer saber? Não sei. E o que é literatura? É toda peça ESCRITA capaz de produzir uma REFLEXÃO no seu leitor. (...) A partir de HOJE, dia 10 de JUNHO de 2005, portanto, BOMBOCLAAT! passa a ser uma experiência exclusivamente LITERÁRIA. Um troço de FRUIÇÃO. Antes não. Antes era ANARQUISTA a cousa.<sup>41</sup>

## 2.2 Paralelos – Novos escritores e profusão de impressos

### 2.2.1 Falaê! – o embrião

Nos rastros do CardosOnline e de dezenas de outras iniciativas similares, no Brasil e no exterior, começam a se multiplicar os sites de literatura e entretenimento na Rede. O Falaê!, um dos primeiros sites literários brasileiros, foi gerado no fim de 1999, quando seu fundador, Augusto Sales, passava uma temporada nos EUA. Sales não trabalhava com literatura e ainda não havia publicado nenhum texto, mas havia acompanhado de perto a evolução das ferramentas de Internet e dominava conhecimentos técnicos necessários. Com saudades do português e dos amigos, ele inicia o embrião de um projeto cultural online.

Escrevia para guardar na gaveta e já pensava em publicar mas naquele momento criar um site inspirado em modelos de outros que já existiam nos EUA, como o Salon.com me parecia a melhor opção. Entendia um pouco de programação e design de páginas e comecei a contatar amigos que poderiam se interessar pelo projeto. Nesse momento, os blogs estavam apenas começando nos EUA e ainda havia um olhar desconfiado, até preconceituoso em relação a eles, a ferramenta era muito nova. Eles ainda não convenciam, ninguém imaginava o potencial que viriam a ter, por isso a opção de fazer um site.<sup>42</sup>

Augusto era leitor assíduo das páginas culturais e literárias online e após uma pesquisa para analisar os projetos já existentes na Rede, inicia uma intensa troca de e-mails com amigos para discutir o melhor formato do futuro Falaê!. A proposta era fazer um suplemento cultural pop que tivesse seções de música, contos, crônicas - e, claro, egotrips.

<sup>41</sup> CARDOSO. **Bomboclaat**. Disponível em: <http://bomboclaat.zip.net/>. Acesso em: 20 jun. 2005

<sup>42</sup> SALES, em entrevista finalizada em 10 mai 2005



No grupo original, estavam iniciantes como Marcos Marçal, Crib Tanaka e João Paulo Cuenca e também participantes que já tinham experiência com a escrita, como Andréa Del Fuego, que já era contista, e jornalistas como Gustavo de Almeida, Olavo de Carvalho, Xico Sá e Dodô Azevedo.

No início, o único objetivo era me livrar dos textos, descarregar a produção pessoal. Logo depois, e contando com a participação de jornalistas, desenvolvemos o formato de revista. O curioso é que a maior parte do grupo não havia publicado nada ainda. E se não fosse o site era pouco provável que eles se envolvessem com literatura.<sup>43</sup>

O modelo da Falaê! foi inspirado na revista Trip e nos jornais online, além de páginas americanas como a prestigiada revista Salon<sup>44</sup>. O site entra no ar no fim de 2000, com seis seções fixas e colaboradores frequentes, que se multiplicam ao longo do projeto. As seções fixas eram administradas pelo editor correspondente e tinham como temáticas, cinema, artes, literatura, crônicas sobre o universo feminino e masculino e mini contos de 300 toques. A periodicidade não era constante, variava entre semanal, quinzenal e mensal e os editores tinham total liberdade para alterar os textos e selecionar as colaborações enviadas – evidenciando uma preocupação em divulgar conteúdo de qualidade e não amador.

Além das resenhas e críticas, algumas reportagens jornalísticas também eram publicadas, como matérias de comportamento e investigativas (incluindo reportagens que se tornaram referência como um especial sobre funk). O grupo vencia as distâncias - havia colaboradores de São Paulo, Rio de Janeiro, EUA e Bahia - utilizando lista de e-mails que servia de redação virtual, onde eram debatidas as pautas das edições temáticas e divididas as tarefas.

Em 2001, após um ano de projeto, acontece a cisão: alguns componentes queriam que o foco do site fosse mais jornalístico, enquanto outros apostavam na literatura. Os especiais de reportagens se contrapunham à vontade de publicar mais crônicas, contos e crítica literária. O Falaê! deixa de ser atualizado, mas tem sua importância reconhecida: ainda hoje é possível navegar por algumas de suas páginas no portal Internet Archive, um

---

<sup>43</sup> SALES, em entrevista finalizada em 10 mai 2005

<sup>44</sup> A revista literária eletrônica no endereço [www.salon.com](http://www.salon.com) ainda está ativa. Ela serviu de modelo ao site de opiniões e crônicas *Nominimo* em [www.nominimo.com.br](http://www.nominimo.com.br)

projeto que cataloga parte da história da Internet, hospedando sites importantes, hoje inativos.

## **2.22 Paralelos – Literatura e crítica**

Remanescentes do Falaê!, que apostavam na literatura, se reúnem logo depois do fim do site para elaborar uma nova proposta, dessa vez mais voltada às narrativas de ficção. O quadro da Internet no Brasil era bastante diferente, na velocidade que os bytes recriam ano após ano. Os blogs começam a se tornar populares, prevendo o sucesso que fariam em 2002, auge das publicações divulgadas com o uso da ferramenta. A tecnologia de transmissão de dados também evoluiu – o conceito de multimídia é de fato implementado, com transmissão de som, imagem e vídeos cada vez mais rápida e de melhor qualidade. O número de assinantes da Internet deu um salto considerável: no Brasil já havia mais de 7,5 milhões de internautas ativos, segundo o IBOPE/Netratings.

Como na criação do Falaê!, Sales começa a pensar no modelo do site com uma pesquisa, um mapeamento da Rede para identificar quem eram as pessoas que estavam produzindo literatura na Internet naquele momento.

Não foi um trabalho fácil. Lemos dezenas de site e blogs e enviamos e-mails aos conhecidos pedindo referências desses novos escritores. Conseguimos boas dicas com o Ronaldo Bressane, editor da Trip. Descobrimos o quanto os cariocas estavam publicando pouco em relação a São Paulo ou aos estados do sul. A cada oito escritores novos que estudávamos, apenas um era do Rio de Janeiro. Em São Paulo e no sul, além de discussões online, havia saraus literários e diversas iniciativas em sites.<sup>45</sup>

Para vencer as dificuldades e dar o primeiro impulso ao projeto, o grupo original formado pelos jornalistas André Mansur, Crib Tanaka, Jorge Rocha, Jaime Gonçalves Filho, pelo engenheiro Rafael Lima, pela publicitária Mara Coradello e o próprio Augusto, que trabalha como auditor fiscal, resolveu montar e publicar os textos inaugurais e, através da página, encontrar novos participantes. Dessa vez, o projeto não estaria restrito à mídia virtual. Além do site, o objetivo era fazer uma revista literária impressa, um apanhado de contos, crônicas e críticas com periodicidade mensal.

Não havia nenhuma revista sobre literatura e afins realmente boa no Rio. Queríamos recuperar um diálogo com as outras gerações literárias, reler clássicos e claro, divulgar o trabalho dos escritores contemporâneos. Em um formato que fosse atrativo e inovador, um trabalho tanto textual quanto visual.<sup>46</sup>

A primeira editora procurada foi a 7 Letras, especializada em livros de produção acadêmica, de poesias e músicas, mas a parceria acabou não se concretizando. A segunda tentativa foi migrar para a Casa da Palavra, uma editora também estreante, que não costumava publicar literatura contemporânea, mas que já se consolidava como um selo especializado em “temas cariocas”. O acordo - que previa o lançamento do site e a publicação de uma revista em três edições, contos, crônicas e poesia - acabou engavetado por problemas financeiros e também editoriais. Não foi possível chegar a um consenso em relação ao formato da revista. A última tentativa de fazer o lançamento simultâneo do site e da publicação impressa foi uma parceria proposta a editora Agir. Novamente, chegar a um acordo foi impossível. A Agir não julgou que houvesse espaço para uma revista em seu quadro editorial, já que quase tudo que publicava era ficção em formato de livros. A dificuldade em publicar está tanto no medo em apostar em um projeto iniciante, sem garantias de retorno, quanto na dificuldade em se chegar a um formato, já que os escritores do Paralelos não abriam mão de um visual bem trabalhado. Com um mercado editorial no qual pequenas editoras são abertas todos os meses - mas poucas delas sobrevivem – e as tiragens são reduzidas, apostar em iniciantes é muito arriscado. O projeto do site e da revista impressa lançados simultaneamente foi arquivado. Mas uma mudança de estratégia fez com que o Paralelos se espalhasse não só entre as telas, mas também através de letras impressas.

### **2.2.3 Vitrine de novos talentos**

Em outubro de 2003, o projeto de lançar uma revista pela editora Casa da Palavra estava quase acertado. A estratégia de divulgação escolhida para o lançamento do site, que

---

<sup>45</sup> SALES, em entrevista finalizada em 10 mai 2005

<sup>46</sup> SALES, em entrevista finalizada em 10 mai 2005

precederia as publicações impressas, era aproveitar a Primavera dos livros<sup>47</sup> para tornar o Paralelos conhecido. Em 2003, alguns autores do Paralelos foram convidados a participar de uma mesa de discussões sobre literatura online, o que consideraram a oportunidade perfeita para lançar o projeto. A estratégia de divulgação precisava ser original, como a literatura do site que seria lançado. O plano era fazer uma “ intervenção humana” ou distribuir para os participantes um kit composto por um convite para o site, um pequeno livro com um dos oito mini contos de 300 toques desenvolvidos pelos autores e uma bala.

O kit era semelhante àqueles que as pessoas distribuem no sinal para pedir dinheiro e foi bastante bem recebido. Além disso, a mesa da qual participamos contou com a presença de Beatriz Resende (professora da UFRJ) o escritor Joca Reiners Terron, criador da editora Ciência do Acidente e Marcelino Freire (divulgador do trabalho de muitos escritores contemporâneos, reunidos no livro “Geração 90”). Foi uma discussão bastante interessante.<sup>48</sup>

Com o lançamento do site, os acessos e o burburinho em torno do projeto foram automáticos. Reportagens em quase todos os suplementos literários da grande imprensa, colaboradores se multiplicando e um perfil consolidado. A principal intenção do site, como explica o texto de abertura da página, era reunir “uma espécie de confraria de escritores incuráveis e leitores ávidos em torno de um movimento, de uma articulação para estimular a produção literária em seus diversos níveis”. O grupo que se consolidou pretendia, com críticas e produção, provar que literatura não “estancou em Guimarães Rosa, Paulo Leminski, Drummond e que o máximo que chegou foi a Sérgio Sant’Anna, Hilda Hilst, Rubem Fonseca e Dalton Trevisan”.

O conteúdo da página era composto por colunas literárias fixas, publicação constante de mini contos de até 300 toques, críticas, resenhas, entrevistas e especiais temáticos. Em uma das edições, os assuntos foram a importância e os estigmas que cercam os blogs (opiniões quase todas empíricas, já que a maior parte dos autores que produziam o

---

<sup>47</sup> A Primavera dos Livros é uma feira anual que reúne publicações de pequenas e médias editoras. A primeira edição do evento aconteceu em 2001, e desde então, a Primavera se propôs a ser mais do que um evento para divulgar editoras que ficam ofuscadas durante a Bienal do Livro, mas um espaço de discussão, uma janela para mostrar as novidades do mercado editorial a livreiros e leitores.

<sup>48</sup> SALES, em entrevista finalizada em 10 mai 2005

Paralelos possuía um blog), e outros especiais como um número sobre a vida do artista Clodin Clodan e sobre escritores à beira-mar. Os ensaios e crônicas são tão variados em estilo e temática que parecem constar na mesma seção porque o autor batizou-os de ensaios ou crônicas. Ao lado de considerações éticas sobre as noites do festival literário de Paraty, há reflexões sobre a obra de Fernando Sabino e *pensatas* sobre o desejo e ninfetas *a la* Vladimir Nabokov. Variados, com qualidade se não estilística aos olhos do leitor, qualidade de temas e precisão na hora da edição. É evidente o cuidado aplicado na organização de links e títulos, e também na edição do texto, raramente com erros de digitação ou gramaticais. Dessa vez não eram universitários que brincavam de escritores. Mas escritores adormecidos que encontraram um espaço para divulgar textos e sabiam que a vitrine da Rede precisava ser usada com cuidado.

As entrevistas abarcavam tanto escritores já consagrados, como Luiz Ruffato e Martha Medeiros, quanto os escritores da nova geração. Organizados em forma de ping-pongs bastante variados, os novos autores são apresentados ao leitor com uma mini biografia e uma radiografia de suas opiniões sobre a produção atual, suas obras já publicadas e as temáticas mais comuns. Dessa forma, o site funciona tanto como um espaço de divulgação da obra desses novos autores (textos publicados em blogs, sites, projetos literários e também coletâneas de contos e romances) quanto como um local aglutinador de escritores. Como um café francês ou um sebo no centro do Rio, tradicionais espaços de encontro de escritores, as conversas podem ser em tempo real ou em correspondências online, com a rapidez e praticidade do e-mail. E especificidades que só a obra virtual carrega.

#### **2.2.4 Particularidades da esfera virtual do Paralelos**

Com a construção do site, duas das maiores dificuldades impostas aos novos escritores estavam vencidas – publicação e distribuição. Tanto fazia se a intenção era mostrar aos amigos ou chamar a atenção de um grande editor: não era preciso imprimir e xerocar os textos ou registrar e enviar originais às editoras. Bastava um e-mail e um pouco de sorte e qualidade (porque os textos eram submetidos à seleção e edição), para receber o link correspondente à sua ficção publicada.

Além do conteúdo online, o projeto se consolidou como um meio de lançamentos de livros e divulgação de eventos. O grupo começou a se tornar conhecido pela identidade de “pertencer ao Paralelos” e lançou, em 2004, o livro *Paralelos, 17 contos da nova literatura brasileira*. O formato impresso do site é resultado de uma seleção de 17 contos feita a partir de cinquenta textos, com temáticas e estilos variados, uma introdução explicando o histórico do projeto e uma pequena biografia dos escritores. No prefácio do livro, os editores do Paralelos explicam como surgiu o projeto e afirmam que a Internet é muito mais importante para a literatura hoje do que se pode imaginar:

Frente às dificuldades do escritor iniciante ela serve tanto de ateliê para criação, mas também de suporte à obra (...) e espaço para exposição do trabalho e interação com o público. Também contribui para a formação no underground de uma rede muito boa de talentos que paulatinamente conquista um crescente público fiel, fortalecendo assim esse manancial literário que sem retroceder vai subindo entre as fendas até chegar à superfície <sup>49</sup>

Além da conquista de um novo espaço de publicação e uma rede de distribuição com custo reduzido, outro aspecto relevante na mudança do suporte material para o meio digital é a possibilidade de edição quase infinita. O texto online é constantemente mudado, editado, reescrito, enxertado ou apagado, com uma facilidade e uma transitoriedade da palavra que se reflete também na relação com as palavras impressas. Segundo Sales, é evidente para a maior parte dos autores que os textos publicados na Rede são quase sempre trabalho em andamento, rascunhos e idéias que raramente representam o produto final daquele autor.

Os contos da coletânea não são iguais aos publicados na Rede. Houve centenas de mudanças até a edição final do livro. Mesmo com o livro pronto, muitos autores foram até o último minuto na gráfica tentar fazer as últimas alterações <sup>50</sup>

A publicação no site do projeto e a construção de uma imagem e um repertório na Rede são considerados, por quase todos os integrantes do projeto, a única característica em comum dos “autores Paralelos”. Apesar de a palavra “movimento” ter sido utilizada no

---

<sup>49</sup> SALES; GONÇALVES, 2005, p. 112

<sup>50</sup> SALES, em entrevista finalizada em 10 mai 2005

texto de apresentação do Paralelos, quase todos os novos autores se recusam a aceitar que façam parte de um novo movimento literário, mesmo quando confrontados com análises que indicam características comuns em seus textos. O editor Paulo Roberto Pires, da Ediouro, responsável pelo lançamento de diversos autores iniciantes, afirma que o que há hoje é uma cena literária, uma efervescência e um clima muito favorável à produção da escrita, mas que isso não conceituaria um novo movimento. E talvez a aproximação geográfica promovida pela Rede seja responsável pela identificação de poucas características em comum. Com a possibilidade de acessar sem intervalo de espera um livro da Sardenha, um conto do nordeste e uma crônica americana, os limites de aproximação entre estilos e referências são mais maleáveis. Ao mesmo tempo em que a geografia e o resgate de referências passadas identifica o autor do texto, é cada vez mais difícil conceituar as obras. Segundo o Jornalista e escritor Dodô Azevedo, isso acontece porque os escritores atuais formam a geração mais heterogênea da literatura brasileira.

A falta de unidade é facilmente observada nos contos lançados pelo Paralelos, que têm em comum uma tendência à prosa urbana, relatos cotidianos e narrativas mais introspectivas e líricas, centradas no eu. As características coincidentes encontram força no fato de serem os movimentos literários quase sempre cíclicos. Se, nos anos 90, o estilo realista, sucinto, direto, elíptico de Rubem Fonseca inspirou seguidores, é compreensível que os novos autores se concentrem em temas mais intimistas. Além disso, quase todos os contos contemporâneos têm tamanho reduzido - no livro do Paralelos, a média de tamanho é de quatro páginas. Essas coincidências, entretanto, não são suficientes para conceituar a existência de uma nova fase literária, como Augusto faz questão de frisar.

É claro que há características em comum, como a narrativa centrada no dia a dia e uma tendência a digressões, se opondo a geração anterior mais ligada na imagem. Mas é difícil enquadrar em um mesmo movimento todos os novos autores. Se fosse assim, os textos de Jorge Rocha, que faz uso de colagens e frases surreais estariam de fora da produção contemporânea. Quanto ao tamanho, é claro que existe uma preocupação, quando falamos de mídia virtual. Nas resenhas e análises a média é de quatro pagedowns<sup>51</sup> e se o texto for maior que isso a gente reorganiza em links diferentes. Se não for assim, ninguém lê. No caso de ficção não é possível

---

<sup>51</sup> Número de vezes que a bala de rolamentos é movida para continuar a leitura do texto e mover as páginas do documento virtual.

fragmentar, mas acho que há um certo encolhimento nos textos em geral.<sup>52</sup>

O grupo afirma que não constitui um movimento, que não está unido em torno de um manifesto ou que pretende salvar a literatura. A importância da Internet é reduzida muitas vezes a mera ferramenta, como se fosse possível dissociar a mensagem do meio em que ela se encontra. As tarefas de difusão e aceleração das trocas de mensagem são sempre citadas, mas a influência que a escrita da tela, a leitura online, a facilidade da construção de textos com enxertos de outros autores e todos os recursos gráficos que modificam a relação do conteúdo com o texto são ignoradas.

Ainda ativo, e cada vez mais conhecido fora do círculo de novos autores, acessível a qualquer leitor interessado em conhecer a produção atual, o Paralelos acumula projetos diversos. Está em fase de confecção a versão impressa da famosa coluna “Te vejo como amigo” publicada no Falaê! por Gustavo de Almeida, onde o jornalista dissertava sobre as desculpas femininas ao recusar uma proposta amorosa. O site é usado também para publicar texto inéditos, como quatro mini contos de 300 toques de Marcelo Moutinho, parte de uma coletânea com lançamento previsto para outubro. Há ainda divulgação de cursos literários e matérias jornalísticas sobre música, teatro e artes em geral.

Na última Bienal do Rio de Janeiro, em 2005, os escritores fizeram uma parceria com o Jornal *O Globo* para montar um blog sobre os eventos da feira de livro. Armazenada na página online do Jornal, as matérias narravam os bastidores da programação da Bienal e divulgavam perfis de escritores. Uma aproximação que demonstra não só o crescimento do grupo, como a assimilação dos novos escritores pela grande mídia, alguns deles não tendo publicado nenhum livro próprio. A participação funda uma brecha na acirrada disputa editorial por publicidade, quase sempre vencida pelas grandes editoras que investem grandes somas em publicidade. E propõe um feedback – se da Internet os leitores partiam para o livro, agora eles podem partir das matérias jornalísticas para o site.

---

<sup>52</sup> SALES, em entrevista, 2005



### 2.3 Portal Literal – Grandes nomes acolhem os novatos

Após a multiplicação dos sites de autores iniciantes na Internet, a Rede conquistou confiança suficiente para que autores já consagrados começassem a fazer uso da ferramenta para divulgar os textos, os ensaios, as opiniões e as biografias. Em 2002, é criado o Portal Literal, um site com a curadoria da escritora, ensaísta e doutora em letras, Heloisa Buarque de Hollanda, que reúne trabalhos literários de cinco grandes nomes da poesia, do romance e da crônica: Rubem Fonseca, Ferreira Gullar, Luis Fernando Veríssimo, Lygia Fagundes Telles e Zuenir Ventura.

No início, os objetivos eram simples e pouco pretensiosos: divulgar os novos trabalhos desses autores, catalogar as obras já publicadas e servir de “sítio” para as páginas pessoais dos escritores, que até então não possuíam endereço oficial na Internet. A explosão da Rede doméstica no Brasil e a popularização da banda larga tornavam a participação na nova mídia indispensável.

O Portal literal foi desenvolvido em uma antecipação da bolha da Internet, antes de começar o movimento literário mais forte, que é visível hoje com a multiplicação das páginas de literatura. A idéia foi trabalhada em diversas reuniões com os escritores, até chegarmos ao formato final de um Portal centralizador. Ele seria formado por uma coletânea de sites, colunas de opinião e a revista *Idiossincrasia* – que teria o conteúdo atualizado periodicamente para atrair leitores com regularidade.<sup>53</sup>

As primeiras seções desenvolvidas eram espaços para reportagens, críticas de arte e literatura e lançamentos de trechos de livros ainda inéditos. Apesar da unidade centralizadora, que une cinco sites distintos no mesmo endereço, as páginas dos autores têm uma identidade diferente, um *lay out* representativo da obra de cada escritor. A inspiração visual própria leva o leitor a perceber facilmente a troca de “ambiente” a cada clique. Na página de Gullar, com inspiração cubista, há desenhos e muito trabalho visual na divulgação das poesias. No espaço de Rubem Fonseca, um ambiente mais elétrico, o leitor navega entre entremeado de fios que formam uma rede, uma “paisagem” mais urbana, seca e moderna.

---

<sup>53</sup> Heloisa Buarque, em entrevista finalizada em 25 mai 2005

Cada uma das seções dos autores é constituída por biografia, bibliografia e o Lado B - um espaço que mostra outra paixão dos escritores, indo além da literatura. No espaço de Gullar, desenhos e pinturas. No Lado B de Veríssimo, sua já conhecida paixão por jazz, representada por um *set list* de músicas do gênero que podem ser ouvidas pelo internauta enquanto ele lê um conto. No espaço de Ferreira Gullar há ainda uma seção batizada de Resmungos, similar a um blog - nela, o poeta põe em prática seu lado cronista e faz comentários gerais sobre assuntos culturais e políticos.

Além da hospedagem dos cinco sites, a revista *Idiossincrasia*, editada pelo jornalista Luis Fernando Viana, garante conteúdo atualizado com maior periodicidade. O informativo virtual dá destaque às novidades dos cinco autores e é atualizado aproximadamente duas vezes por mês. No início, a revista era formada basicamente por conteúdo noticioso em forma de resenhas, entrevistas e artigos. Com a mudança da linha de edição e entrada da jornalista Cristiane Costa, o material disponível no site se diversificou e ficou mais eclético - e mais voltado para o que está acontecendo na literatura contemporânea.

### **2.3.1 - Grandes escritores, aspirantes e iniciantes**

A nova fase do Portal - ou abertura do site para os autores iniciantes - começa com a criação de três novas seções: De Olho neles, Exercícios Urbanos e Oficina Literária. Na primeira, os jovens autores são apresentados ao público em entrevistas realizadas por Marcelino Freire - representante da Geração Noventa que já organizou coletâneas com diversos autores contemporâneos e é uma espécie de porta-voz dos novatos. Detalhados em entrevistas e um breve histórico de sua escrita, os novatos dividem o espaço da tela principal com veteranos como Veríssimo ou Gullar. Na Exercícios urbanos, os leitores são convidados a exercitar sua verve literária e dialogar com as obras recém-lançadas. Estimulado por concursos que rendem prêmios, qualquer internauta pode reinventar contos, apropriar-se de um fragmento para escrever uma nova história ou um fazer outro exercício de escrita qualquer. Nessa seção, o internauta assume concretamente o papel de autor, dessacraliza o poder da fala e ainda pode ser publicado ao lado de grandes nomes literários brasileiros. No exercício não está em jogo classificar se está sendo produzida boa literatura, ou mesmo se o texto é ou não literatura, mas sim de observar a ocupação do mesmo espaço

entre leitor e autor. E avaliar as trocas e os acréscimos que essa contribuição pode trazer tanto à constituição de leitores menos passivos, mais críticos e atuantes, quanto a um autor menos isolado e solitário.

A terceira seção destinada ao público leitor é uma oficina literária, na qual os visitantes podem fazer aulas online sobre os assuntos propostos, como o desenvolvimento de contos, romances ou roteiros. Esse espaço, o último a ser inaugurado, é o mais acessado pelos visitantes.

A resposta dessa seção foi realmente surpreendente. Mesmo quando os módulos de acompanhamento online saem do ar, os acessos continuam. É impossível corrigir todos os exercícios, mas selecionamos os dez melhores e fazemos um acompanhamento mais de perto”.<sup>54</sup>

Outra seção onde os iniciantes dividem bits com os já consagrados é a blogteca, uma lista de endereços de blogs, que incluem de João Paulo Cuenca (escritor que publicou *Corpo Presente*, seu primeiro livro, em 2003) ao lado de Noam Chomsky (lingüista e crítico norte-americano). No início do site, a articulação com os escritores do Paralelos era mais intensa, com utilização de conteúdo e anúncios de programações organizadas pelo grupo. Era uma maneira de fortalecer uma comunidade literária formando uma rede de links que apontavam quase sempre para as mesmas páginas e blogs. Hoje, talvez devido ao surgimento de espaços próprios aos novos escritores no Portal, essa relação é mais distante - há pouco conteúdo compartilhado - e é evidenciada apenas por um banner que aponta para o endereço do Paralelos.

O foco do site se modificou aos poucos com o surgimento das novas seções. No início, o objetivo era um espaço de divulgação de conteúdo literário e dos próprios escritores. No endereço, o leitor podia navegar por fragmentos, descobrir particularidades de seu autor preferido e ler comentários e críticas. Hoje, o site tem um conteúdo mais didático.

O interesse principal do site é sem dúvida a educação, ou seja, estimular a produção literária usando as ferramentas da Internet. A proposta é tornar a literatura mais acessível, fazer uso da interação

---

<sup>54</sup>Heloisa Buarque, em entrevista finalizada em 25 mai 2005

que a Rede permite para provocar o desejo de viver literatura.<sup>55</sup>

Heloisa acredita que cada mídia deve ser pensada em suas virtudes e limitações, e a preocupação em trabalhar o visual e a recepção específica que os textos encontram na Rede impulsionaram soluções inovadoras nos links do Portal. Além das já citadas identidades visuais próprias de cada espaço, os textos não são apenas reproduzidos na tela, mas reelaborados de acordo com os objetivos do autor. Isso é evidenciado nas poesias de Ferreira Gullar, onde o branco do papel tem importância fundamental.

O poema visual não funciona na tela, ele precisa dos espaços em branco e da continuidade das páginas. No poema *Formiguinhas*, por exemplo, desenvolvemos uma animação para simular o efeito movimento das páginas, como se fosse possível acompanhar as letras. A passagem para o suporte próprio da tela compromete a estrutura do texto, e por isso tem que ser repensado.<sup>56</sup>

### 2.3.2 Literatura Marginal em bits

Entusiasta dos poetas e autores que rompem com a lógica estabelecida do mercado, a abertura do site para os novatos pode ser comparada ao lançamento de *26 Poetas hoje*, livro de Heloisa que reuniu obras da poesia marginal. Na década de 70, no auge da ditadura e por causa dela, a editora lançou uma coletânea de poesias com dicção coloquial e irreverente - fragmentos poéticos mimeografados em tiragens minúsculas e distribuídos em bares e centros culturais. Assim como a literatura de Internet é hoje comparada a mera colagem e textos imaturos por alguns puristas, a poesia da época não foi bem recebida pelos cânones literários.

Na época do seu lançamento, causou polêmica e recebeu críticas por todos os lados: a Academia Brasileira de Letras, por exemplo, não conseguia ver nada além de um simples valor "sociológico" naqueles "sujos" e "pornográficos" versos produzidos por ilustres desconhecidos.<sup>57</sup>

<sup>55</sup> Heloisa Buarque, em entrevista finalizada em 25 mai 2005

<sup>56</sup> Heloisa Buarque, em entrevista finalizada em 25 mai 2005

<sup>57</sup> PIRES. *Palavras sem rumo*. Disponível em <http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=9&textCode=13058&currentDate=1093316460000>. Acesso em: 25 de mai.2005

Guardadas as devidas proporções entre comparar uma literatura produzida em um momento de ditadura à exacerbação da liberdade do poder de fala na internet, as duas iniciativas rompem a lógica editorial tradicional, nas técnicas de reprodução e difusão de informação. Se o poeta irônico e despretensioso queria apenas ser lido, o blogueiro e literata na Internet também quer atingir os leitores. Ele pode usar a Rede como laboratório, pode escolher se quer evidenciar a comunicação com caixas de comentários ou apenas fornecer um endereço de e-mail. Ao se dirigir com intimidade ao leitor, os poetas construíram uma linguagem própria, que marcou o que hoje é conceituado um movimento - mas que na época não eram mais que anônimos construindo versos. E eles não estavam preocupados em formular bases teóricas ou formalizar objetivos literários comuns.

Essa brecha editorial que chegava aos cariocas através de folhetos nos anos 70, atinge proporções enormes na Internet, já que em vez de uma folha mimeografada distribuída de mão em mão, a obra na Rede trafega sem destinatário definido. Se antes a poesia marginal estava condenada a ficar à margem, hoje o mercado editorial não pode ignorar o que está sendo feito no ciberespaço. Os autores contam com uma nova vitrine e local para trocas com o público leitor específico e os editores dispõem de uma nova mídia. Com o escoamento da produção em bits, os leitores estão mais próximos do autor e garimpam novas opções de leitura que vão além dos best-sellers.

A divulgação é rápida e imediata, e, no caso dos novos autores, a propaganda é feita no espaço ideal, freqüentado pelo próprio público que compra os livros. O texto é construído com a ajuda dos leitores que fazem parte de um mesmo ethos. Dessa forma, a etapa de divulgação tem um aliado de peso, já que essa rede de referências é indispensável para que o livro tenha uma vendagem mínima.<sup>58</sup>

As mudanças de suporte se refletem tanto no trabalho do escritor quanto na lógica editorial pré-estabelecida, já que a Internet, ao contrário dos folhetos distribuídos em bares, não está à margem do sistema, mas contamina a lógica tradicional de produção e recepção de livros. Para Heloisa, a principal alteração na constituição da obra está no fato da escrita deixar de ser um trabalho solitário. Mesmo que um livro seja constituído na Rede e sofra

---

<sup>58</sup> Heloisa Buarque, em entrevista finalizada em 25 mai 2005

um intenso processo de edição antes da publicação, as respostas aos posts de um blog são imediatas. A utilização de referências comuns, a visita das mesmas páginas e a possibilidade de checar a aceitação de posts ou trechos mais extensos altera a concepção contemporânea do fazer literatura.

Poder consultar leitores durante a escrita altera, enriquece e transforma a narrativa. Já é possível detectar traços frequentes como o vício da repetição, incentivado pela facilidade do copy and past, temáticas em comum e uma tendência a retroalimentação. Mas ainda é muito cedo para analisar o que de fato está mudando e se essas transformações constituirão um novo período literário.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> Heloisa Buarque, em entrevista finalizada em 25 mai 2005

### 3 DA TELA AO PAPEL - o desafio da publicação e a brecha editorial encontrada na Rede

Correm o risco de serem pulverizadas as noções de autor, editor e distribuidor, que mal se puderam fixar, numa época bastante recente que coincide com a industrialização do livro.<sup>60</sup>

Com a popularização das publicações na Rede, a literatura desarticula-se do seu conceito tradicional de obra finita e deixa de pertencer a uma hierarquia de poder e de imutáveis estruturas do saber. Isso acontece porque o texto virtual é um texto em potência, de publicação imediata, com suporte material de baixos custos, acessível a todos que disponham de conexão e com uma temporalidade instável - já que páginas virtuais podem sumir, sem aviso prévio. A utilização da técnica está presente nessa transformação não apenas como instrumento, já que o meio jamais é apenas um portador da mensagem - com a Rede a hibridização entre ler e escrever, o questionamento entre público e privado e conceitos como autoria, originalidade e papel do escritor têm seus significados questionados.

As especificidades da publicação online interferem e alteram o circuito literário tradicional, a relação do autor com o texto, do texto com o leitor, do autor com o leitor e também a relação do autor com o mercado editorial.

A temporalidade da literatura alterou-se juntamente com suas formas de difusão. O tempo de um livro, hoje, não obedece mais à ritualística do passado, tudo é mais curto, mais passível de erro, mais impregnado pelo efêmero.<sup>61</sup>

Essas mudanças que alteram a lógica literária geraram matérias apocalípticas. Uma das previsões era a de que o novo meio causaria a queda de vendagem dos impressos, pois através da Internet, os leitores poderiam ter acesso ao conteúdo das obras sem comprar os

---

<sup>60</sup> CHARTIER, p. 112, 1998

<sup>61</sup> PIRES. **Literatura a jato**. Disponível em

<http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstornotitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=9&textCode=6223&currentDate=1056769294000>. Acesso em 25 mai. 2005

livros. Outro receio era de que os e-books (arquivos digitais com os textos literários) substituíssem as obras em papel. Uma terceira previsão a la Nostradamus anunciava que a Rede incentivaria o roubo de propriedade autoral e inundaria as casas com obras copiadas, bricolagens sem referências e apropriação indébita de textos. As previsões até hoje não se confirmaram, mesmo que a popularização da web não tenha sido acompanhada por um desenvolvimento tecnológico e organizacional satisfatório.

O frágil mercado editorial brasileiro (tema do próximo item) tem apresentado quedas sucessivas de vendagem, prejuízos crescentes que estão diretamente ligados ao baixo poder aquisitivo da população e raramente associados a um suposto “roubo de tempo” da leitura feito pela Internet. Os e-books ainda não obtiveram sucesso comercial, em grande parte porque a tecnologia disponível ainda é extremamente desconfortável a leitura. Os aparelhos que armazenam os arquivos digitais têm uma resolução de imagem pouco eficiente, o que, somando-se ao valor afetivo dispensado por quase todos os leitores ao papel, garante vida longa aos livros.

Com a Rede, a necessidade de reformulação do direito autoral na Internet ficou ainda mais evidente. A lei atual considera que qualquer obra cultural publicada tem os seus direitos reservados, não podendo ser copiada ou modificada sem a permissão do autor. A lei brasileira, que garante os direitos dos bens culturais por 70 anos, é criticada porque protege por décadas um produto que tem um ciclo econômico pequeno. Na prática, isso significa que apenas os livros setuagenários podem estar disponíveis na Rede para download. E que pelo menos duas gerações de descendentes dos autores publicados vão receber dividendos e impedir a distribuição do livro na Internet.

A noção de autoria também se modifica. Na Internet, é extremamente fácil copiar trechos de obras e reutiliza-las, fazer enxertos, combina-las com outras mídias. A velocidade da troca de informações na Rede, que gera revoluções como blogs e programas de download de músicas, estilhaçou o sistema atual de proteção aos bens culturais. Além das transformações legais que a Rede impõe - celebradas por muitos que acreditam que é através da troca em bits que se tornam possível o sonho da democratização da cultura - a Internet serve também de brecha de entrada para os novos autores brasileiros no mercado editorial.



### 3.1 Panorama do mercado editorial brasileiro

O número de leitores brasileiros é muito pequeno, assim como a quantidade de livros comercializados. Informações mais que perceptíveis a qualquer um que frequente livrarias, os dados foram comprovados pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), em 2003. Após analisar informações de 510 editoras economicamente ativas no Brasil, (que correspondem a aproximadamente 95% do total da produção e vendas do setor editorial) as primeiras conclusões do estudo mostram que apenas 18% dos adolescentes entre 14 e 19 anos têm o hábito de ler. Entre os adultos um pouco mais velhos, entre 14 e 19 anos, esse percentual aumenta para 22%.

Nos últimos anos, a queda dos níveis de renda no Brasil, creditada principalmente ao aumento dos índices de desemprego e às perdas salariais, impôs limites à expansão do mercado. A valorização do dólar fez com que os custos de produção dos livros (os preços do papel e das tintas para impressão) aumentassem. O mercado editorial brasileiro apresentou mais uma vez – seguindo tendência que vem sendo mostrada pela pesquisa desde 1999 - queda de 8% em relação aos exemplares vendidos no ano anterior. Entre 1995 e 2003, o faturamento das editoras nacionais diminuiu 48%, e a quantidade de exemplares vendidos caiu pela metade.

Essa queda pode ser comparada à progressiva diminuição de renda média do brasileiro. Segundo o IBGE, de 2002 a 2003, a renda caiu 14%. Desde 1997, as perdas totais chegam a 25%, o que leva a compra de livros para um dos últimos itens na lista de compras da maior parte das famílias brasileiras. Apesar do desempenho medíocre da economia em quase todos os setores, no mercado do livro, os resultados ficaram especialmente ruins, retrato de um país, onde 47% dos alfabetizados têm no máximo 10 livros em casa.

Além dos problemas econômicos, a pesquisa da CBL revela que apenas 30% da população alfabetizada acima de 14 anos – o que corresponde a 26 milhões de leitores – têm o hábito de se debruçar sobre os livros com regularidade. Entre os universitários, 32% não compraram nenhum livro no último ano. Esses dados comprovam que os baixos índices de leitura estão diretamente ligados ao poder aquisitivo, mas mais que isso, a um hábito pouco consolidado de ler cotidianamente.

Entre os 60% dos alfabetizados que não lêem, 69% acreditam que não é preciso ler livros, porque existem formas mais modernas de atualização. Entre elas estão os jornais, as revistas, a televisão e a Internet. Historicamente, o número de expectadores de televisão no Brasil é altíssimo e os leitores de jornais cada vez mais raros. A Internet, por sua vez, atrai cada vez mais usuários, que permanecem conectados um número crescente de horas. De acordo com a Ibope/NetRatings, em agosto de 2004, os brasileiros bateram um recorde em conexão, tendo passado em média 3 horas e 58 minutos conectados à web durante o mês, a maior média entre os países conectados à Rede, superando os gigantes tecnológicos Japão e EUA.

A primeira vista é fácil relacionar o baixo índice de leitores ao tempo dispensado a navegação. Mas no Brasil o número de leitores habituais é historicamente baixo, enquanto a web é um meio de comunicação recente. Além disso, milhares de páginas na web veiculam resenhas, sites literários e análises de obras, além da já citada necessidade de ler e escrever durante a navegação. Outro dado que comprova a proposição de que a Rede prejudica a leitura vem da própria pesquisa da CBL, ao mostrar que os sites de venda de livros na Internet não só têm sobrevivido à crise, como têm ajudado a evitar prejuízos maiores.

Entre os itens tidos como vantagens em 2004 está a promoção e venda dos *best sellers*, que incentivam os leitores a ir às livrarias (..) E a venda por livrarias virtuais e pelos sites das próprias editoras. E inclusive o mercado eletrônico como um todo.<sup>62</sup>

O relatório de 2004 aponta ainda para o crescimento de pequenas editoras, a maior parte delas com um perfil diferenciado, conquistando fatias de mercado pouco exploradas no Brasil. Entre elas, o nicho de livros de luxo, de arte e de temáticas específicas, como samba, Rio de Janeiro e novos autores. As grandes editoras também têm unido forças, segmentando o mercado entre conglomerados editoriais e pequenos selos, e deixando acirrada a competição para as empresas de porte médio. Em junho de 2005, a Ediouro adquiriu a Nova Fronteira, a terceira aquisição da empresa que começou a se expandir a partir de 2001, ao se unir às editoras Agir e Relume-Dumará. O Grupo Editorial Record engloba hoje sete diferentes selos: José Olympio, Bertrand Brasil, Civilização Brasileira, Difel, Nova Era, Rosa dos Ventos e Record. A Moderna,

---

<sup>62</sup> Pesquisa da CBL distribuída a editores e jornais

a Sallamandra e Objetiva se associaram à Prisa-Santillana. As únicas grandes editoras, portanto, que ainda não se renderam à concentração foram a Companhia das Letras e a Rocco.

Com a redução do número de editoras de grande porte após as fusões e a capacidade de investimento limitado dos pequenos selos, até que os iniciantes cheguem a publicação há um longo caminho a percorrer. A primeira dificuldade em publicar está nas baixas tiragens em que os livros são impressos. Cada edição brasileira tem em média de dois mil a três mil exemplares – tiragens mínimas se comparadas ao mercado americano onde cada edição lança às lojas 150.000 a 200.000 livros. Quanto menor a tiragem, maior o custo de cada exemplar, o que aumenta o preço de capa do livro e conseqüentemente torna mais arriscado apostar em autores desconhecidos. Como explica Amanda Orlando, editora do selo Safra XXI da Rocco, dedicado ao lançamento de jovens autores.

A maior parte das grandes editoras não tem portas abertas para os novatos, até porque é uma aposta sempre de risco. Se você lança uma coletânea de textos de Clarice Lispector, o retorno é praticamente garantido. Agora, lançar um novato é sempre um tiro no escuro. As tiragens raramente ultrapassam três mil exemplares, o que é muito pouco, mas está dentro da média brasileira. Mesmo lançamentos de escritores já conhecidos, com exceção dos best-sellers, dificilmente são impressos em mais de cinco mil exemplares por edição.<sup>63</sup>

Esse medo de não ter retorno faz com que a maior parte das grandes editoras escolha alguns livros que têm chance de serem best-sellers, para promover anualmente, em vez de priorizar diversas obras ao mesmo tempo. Essa é a estratégia para garantir que os minguados sucessos de venda compensem a vendagem quase sempre insatisfatória de centenas de outros lançamentos e faz com que se um livro esteja vendendo bem, outro deixe de ser vendido.

Conversando com um editor sobre um best-seller que estava lançando ele me confidenciou que (...) a cota de venda de uma editora para as livrarias é mais ou menos a mesma. Se uma editora gasta sua cota inteira com um único livro, não vende os outros. A editora pode até vender um pouco mais, mas não na proporção que se imagina. Então um best-seller é mais ou menos um buraco negro que suga dos outros, o que é uma coisa meio assustadora. Na

---

<sup>63</sup> Amanda Orlando em entrevista finalizada em 12 jun 2005

verdade, o que a gente precisa é aumentar o mercado comprador.<sup>64</sup>

Além do auto-estrangulamento que o peso de best-seller pode provocar dentro de uma editora, a fase da distribuição nas livrarias é bastante difícil. Na prática, o espaço que se consegue nas lojas tem uma relação direta com o número de livros publicados. Assim, as primeiras bancadas das lojas quase sempre ostentam volumes dos maiores selos do mercado. As pequenas editoras ficam relegadas às prateleiras dos fundos. Somando-se a isso o fato de que mesmo as grandes editoras não têm profissionais em número suficiente para avaliar todas as obras que lhes são enviadas, chegar à publicação é uma tarefa hercúlea. Mas os doze trabalhos podem ficar mais fáceis em meio digital.

### 3.2 A Internet como brecha editorial e a reformulação do papel do editor

Na importante feira britânica London Book Fair 2005, como noticiou o *Estado de São Paulo*<sup>65</sup>, a blogueira Kate Mosse mediu uma mesa sobre novas tecnologias e defendeu que os blogs podem ser uma plataforma de lançamentos de talentos que jamais chegariam aos livros. Ao contrário do que se poderia supor, Jane Freidman, a principal executiva da Harper Collins – um importante selo inglês – concordou. A editora não se preocupa com uma possível queda de vendas causada pela Rede, ao contrário, acredita que a Rede é uma aliada de peso. Segundo Freidman, 80% dos leitores que vão a livrarias inglesas precisam de indicações de livros, e as páginas na Internet fomentam as vendas ao exibir resenhas e propagandas.

Além de oferecer um espaço de divulgação desses novos autores e organizar uma teia de leitores reunidos em comunidades para discutir e indicar livros, a Rede facilita o processo de inserção do escritor iniciante no mercado. Isso acontece basicamente através da publicação dos escritos na Rede - que podem atrair a atenção de grandes editoras – e também através da união de forças na constituição de novos selos.

Um dos pioneiros a “caçar talentos” pela web foi Paulo Roberto Pires, editor da Ediouro. Colunista da *No* ([www.nominimo.com.br](http://www.nominimo.com.br)), jornalista e professor da Escola de Comunicação da

---

<sup>64</sup> RIFF in HOLLANDA. **Webwriters Brasil**. Disponível em: [http://www.webwritersbrasil.com.br/base\\_txt\\_nocop.asp?numero=713](http://www.webwritersbrasil.com.br/base_txt_nocop.asp?numero=713). Acesso em 22 jun. 2005

UFRJ, ele escreveu diversos artigos sobre o fôlego dos novos escritores e editou livros como *Corpo Presente*, de João Paulo Cuenca, e *A morte sem nome*, de Santiago Nazarian, ambos autores iniciantes. Ávido leitor de blogs e sites literários, Pires afirma que os novos escritores constituem uma nova cena literária, dessacralizando a ótica da escrita. Pioneiro ao garimpar na Web e provar que os blogs podem ser mais que egotrips e verborragia, Pires abriu caminho para novos autores, e se transformou em uma espécie de guru da nova geração. Na época do lançamento dos escritores, ele trabalhava na Planeta, líder do setor editorial na Espanha e sétimo conglomerado editorial no mundo, que em 2003 aportou no Brasil com disposição para investir. As circunstâncias favoráveis de um editor desbravador de bits e uma editora forte, sem questionar a qualidade dos livros publicados, facilitaram um caminho que não costuma ser tão rápido aos novatos.

Para chegar a tão sonhada publicação, alguns investem na edição de livros pôr conta própria e usam a Internet e seus blogs para vendê-los – como no caso de Ana Maria Gonçalves autora de *Ao lado e à margem do que sentes por mim* e Fabia Vitiello de *Crônicas de Quase Amor*. Dessa forma, os autores permanecem anônimos para a imprensa e o grande público, mas, além da venda para a família e amigos, disponibilizam a obra em suas páginas pessoais. A Rede é usada como um canal de comunicação, divulgação e mostruário de seu trabalho. Além da possibilidade dos posts blogueiros se materializarem em textos impressos, as páginas servem de vitrine e referência para o garimpo de editores. Em vez de relegados a uma pilha esquecida de manuscritos, os novos escritores dividem o mesmo espaço na tela com autores já consagrados.

O mais interessante na relação que a publicação online oferece é a deshierarquização entre textos e autores, com consagrados e jovens no mesmo espaço virtual. Ferreira Gullar ou Lygia Fagundes Telles partilham a tela com as descobertas de Marcelino Freire no portal Literal. No Paralelos, de Augusto Sales, darlings da ficção convivem com novatos; a excelente Cecília Giannetti, inédita em volume próprio, publica com o já reconhecido Nelson Oliveira.<sup>66</sup>

A figura do editor também muda. Configurada às vésperas da revolução editorial, a profissão era responsável basicamente pela natureza comercial e intelectual da produção literária.

---

<sup>65</sup> **Autores que escrevem em blogs não assustam mercado editorial.** Disponível em: <http://www.cbl.com.br/news.php?recid=1880>. Acesso em 2 jun 2005 .

<sup>66</sup> RESENDE. **Inovações sofrem com o preconceito.** Jornal O Globo, Suplemento Prosa e Verso, 2005

O editor precisava buscar textos, encontrar autores, controlar o processo de impressão e distribuição. Com a Internet e o desenvolvimento de um maquinário mais moderno, a parte técnica da impressão e confecção dos originais é facilitada. Textos podem ser enviados - e impressos - simultaneamente em lugares diferentes, em tempo real. Mas o trabalho de busca continua o mesmo - com a vantagem de contar com a mídia online.

Apesar de a Rede permitir a publicação direta dos escritos, o trabalho de um editor continua indispensável, já que não está restrito apenas à produção ou elaboração de um original. Ele se estende à promoção e divulgação de uma determinada obra, encaminhando-a às pessoas certas, além da responsabilidade pelas questões judiciais, inclusive as que se referem aos direitos autorais. É claro que, em grandes editoras, há dezenas de departamentos especializados em direitos autorais, assessoria de imprensa, confecção de material impresso de divulgação e outros. A administração de todo esse processo de controle dos direitos da obra e de seu posicionamento requer tempo. É preciso cuidar de trâmites burocráticos, licenciamentos, autorizações, negociações. Tudo isso roubaria preciosas horas de criação literária, das quais um autor provavelmente não está disposto a abrir mão.

O editor será mais ou menos importante na proporção da distribuição de selos editoriais mais ou menos comerciais ou especializados. Os cuidados de edição são os mesmos: olho aberto e faro fino. No fundo, é preciso uma cabeça para coordenar o processo todo, por isso, a afirmação de Roger Chartier de que "o papel do editor corre o risco de se pulverizar" é uma grande frase que não corresponde a realidade.<sup>67</sup>

O papel do autor se reconfigura na medida em que ele detém conhecimentos mais profundos sobre a técnica e o mercado editorial no qual está inserido. No artigo *Literatura a Jato* de Paulo Pires, o editor retoma o texto *O autor como produtor*<sup>68</sup>, de Walter Benjamin, onde o teórico disserta sobre como a autonomia do autor se modifica, na medida em que ele conhece as regras de mercado. O autor produtor é aquele que tem acesso à técnica e a domina, recusando assim as fortes divisões tradicionais do mercado editorial.

Somente a superação daquelas esferas compartimentalizadas de competência no processo de produção intelectual, que a concepção burguesa considera fundamentais, transforma essa produção em algo de politicamente válido; além disso, as barreiras de

---

<sup>67</sup> Paulo Pires em entrevista finalizada em 20 jun 2005

<sup>68</sup> BENJAMIN, 1987

competência entre as duas forças produtivas, - a matéria e a intelectual -, erigidas para separá-las, precisam ser derrubadas conjuntamente.<sup>69</sup>

O ensaio de Benjamin, escrito há mais de 70 anos, discutia as transformações técnicas impostas à literatura pelo cinema, exatamente como hoje se discute as implicações que a escrita na Rede tem na literatura. No texto, Pires chama a atenção para o fato de que pela primeira vez na história a utopia de total liberdade de expressão e difusão pode estar se realizando. Embora o escritor como produtor hoje não seja aquele que objetiva implementar o socialismo, Pires analisa que os novatos se unem por “uma escrita heterogênea sobretudo em objetivos – mas que em sua diversidade, revela um apetite descomunal pelo presente, pela contemporaneidade, pelo registro ‘a quente de experiências imediatas’” e ainda pela “vontade de divergir, de criar dissonância – afinal ninguém põe no ar um blog para repetir o noticiário em sua forma corrente ou brincar de CNN”<sup>70</sup>.

Essa mistura de influências e objetivos (desabafo, obras literárias, interação social, jornalismo e outros) faz com que os autores se recusem a filiar-se a um movimento pré-determinado e limitador de blogueiros, internautas, diaristas ou escritores online. Levando em conta a diversidade e a cena literária com suporte na Rede ainda recente, o editor conclui que, de concreto, existe a “liberdade do autor que domina a produção, do escritor que publica sem editor”. Isso reconfigura as funções e responsabilidades do escritor na Rede e, embora não ameace o papel do editor, faz com que ele tenda a especializar-se ainda mais para acompanhar a produção da Rede e provar o valor de uma edição bem feita em tempos de publicação instantânea.

### 3.2.1 Livros do Mal, do CardosOnline aos impressos

Facilidades tecnológicas e segmentação do mercado abrem portas para o surgimento de inúmeros selos domésticos, tocados por uma ou duas pessoas e nos quais o profissionalismo convive com uma grande dose de

<sup>69</sup> BENJAMIN in PIRES. **Literatura a Jato**. Disponível em:

<http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=9&textCode=6223&currentDate=1056769294000>

<sup>70</sup> PIRES. **Literatura a Jato**. Disponível em:

<http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=9&textCode=6223&currentDate=1056769294000>

romantismo. Algumas dessas editoras têm provocado boas surpresas com lançamentos ou relançamentos ousados.<sup>71</sup>

A vontade de controlar todas as etapas da produção, de desenvolver de perto os aspectos gráficos, mudanças editoriais e comerciais levou os amigos do CardosOnline - Daniel Pellizzari, Guilherme Pilla e Daniel Galera - a fundarem a editora Livros do mal. Os escritores já tinham experiência direta com literatura e com edição de fanzines e páginas na Internet e então resolveram que deveriam fundar uma editora própria. Entre o lado sonhador de divulgar escritos de todo Brasil a todo o Brasil, e uma pesquisa séria de como seria a melhor forma de viabilizar as publicações, a Livros do Mal saiu do papel no dia 1º de outubro de 2001, em Porto Alegre. Os escritores iniciaram uma empreitada que acabou ser tornando não apenas uma editora de livros, mas um projeto literário que deu projeção a algumas obras e fez com que os iniciantes em letras impressas se tornassem conhecidos.

A Livros do Mal foi uma idéia minha e do Daniel Pellizzari, que também escrevia no COL e surgiu da nossa vontade de arriscar a criação de uma pequena editora, nos moldes de outras que já conhecíamos, e tentar publicar alguns autores novos, em especial aqueles que conhecíamos a partir da Internet. Começamos publicando nossos próprios livros de estréia (*Dentes Guardados* e *Ovelhas Que Voam Se Perdem No Céu*), e depois publicamos mais sete livros.<sup>72</sup>

A Livros do Mal saiu do papel graças ao financiamento do Fumproarte, um programa de patrocínio cultural criado pela prefeitura de Porto Alegre. O projeto da editora foi escolhido em primeiro lugar entre centenas de outros projetos de teatro, dança, cinema. Daniel Galera e Pellizzari ficaram responsáveis pelas edições e traduções da editora, enquanto a Guilherme Pilla cabia a parte gráfica. Apesar de iniciantes, a seleção e aprovação dos livros estava restrita a obras que fossem realmente diferentes e bem escritas, já que o objetivo da editora é “catalogar literatura que traga visões novas, que ultrapasse o exercício estético vazio, o lugar-comum da classe média ou deslumbramento com o mundo pop”.

A Internet está, enfim, ajudando a colocar em ação uma geração nova de escritores que têm coisas diferentes a dizer, muitas vezes de maneiras muito originais. Um dos nossos objetivos com a Livros do Mal é ficar

<sup>71</sup> BRUM, **Pequenas editoras, grandes sonhos**. Disponível em <http://www.saeditora.com.br/imprensa003.htm>. Acesso em: 2 mai 2005

<sup>72</sup> GALERA, Daniel, em entrevista em anexo, finalizada em 22 abr 2005



ligado nesse processo, pra tentar fazer algumas pontes entre autores surgidos na Internet e a publicação em livro.<sup>73</sup>

Novas obras, nova editora, novas maneiras de negociar e posicionar o produto no mercado. A Livros Do Mal desenvolveu uma maneira diferente viabilizar as primeiras publicações dos escritores. Os lançamentos da editora são todos co-edições. A editora se encarrega de todas as funções editoriais (revisão, edição, registro de direitos autorais, preparação de originais, projeto gráfico, capa, ilustrações, produção gráfica, armazenamento, divulgação, lançamento, distribuição, vendas) e os custos que essas etapas exigem. O autor, por sua vez, desembolsa uma quantia equivalente aos custos de impressão. No padrão da editora, tiragens modestas de 600 exemplares.

Outro diferencial é o valor pago para o autor por cada exemplar vendido, que corresponde de 30% a 40% do preço de capa. No mercado editorial tradicional, quando as editoras arcam com todos os custos, o autor recebe apenas 5% de cada exemplar vendido. Dessa forma, o sistema da Livros do Mal faz com que o autor tenha mais chances de recuperar o investimento feito logo na primeira edição.

A editora, segundo Daniel Galera, não enfrentou muitas dificuldades de publicação com o sistema de parceria. A etapa mais complexa é a de distribuição, onde a competitividade nas estantes das livrarias, ao lado de centenas de lançamentos das grandes editoras é acirrada. Para garantir as vendas por todo o Brasil, além da comercialização pela Internet (na página da editora e em parceiros como sites das livrarias Cultura e FNAC, que entregam em todo o país), a Livros do Mal tem pontos de venda nas principais capitais e oferece um link direto de compra pelo correio. Dessa forma, o leitor que não dispuser de cartão de crédito pode enviar um e-mail ou uma carta, após fazer o depósito bancário.

A etapa da distribuição foi o maior desafio, mas as alternativas encontradas pela editora de propaganda online, blogs e páginas, associadas a uma representação em livrarias de todo o Brasil e à participação da editora em eventos como o Festival Literário de Paraty e Bienal do livro em 2004, e ainda o refinado trabalho da editora – tanto de revisão quanto de apresentação gráfica – deram uma visibilidade impressionante a um selo modesto. O retorno foi imediato e

---

<sup>73</sup> GALERA in SATO. **Três autores na trilha do mal**. Folha de Londrina, 13 ago 2002. Disponível em [www.livrosdomal.org](http://www.livrosdomal.org)

muito grande, e o nome Livros do Mal ficou conhecido em todo o Brasil, embora o número de exemplares vendidos, ainda seja modesto. A editora não está aceitando originais desde 2003, segundo os fundadores um recesso editorial forçado, já que os editores estão envolvidos em outros projetos de tradução e escrita. Os livros continuam a venda e o sucesso do projeto atraiu a atenção de grandes selos para o nicho crescente dos autores iniciantes na Rede.

### 3.2.2 Safra XXI, iniciantes em uma grande editora

Com a popularização dos livros de autores que começaram com blogs ou páginas na Internet, as grandes editoras perceberam que há um novo filão a ser explorado. A Rocco criou o selo Safra XXI – exclusivo para a publicação de jovens autores ainda desconhecidos do grande público. Até agora, a editora já publicou oito livros pelo selo, incluindo *Como me tornei estúpido*, do francês Martin Page, sucesso na Bienal do Livro de 2005, e *Pessoas do século passado*, de Dodô Azevedo (detalhado em uma entrevista no fim da monografia). O selo começou a ser desenvolvido em 2002, quando os primeiros autores a publicar na Internet ganharam visibilidade. A principal meta do Safra XXI é descobrir obras de fôlego, publicar livros que renovam a literatura e atraem um público alço com idade entre 20 e 35 anos, como detalha a editora do selo, Amanda Orlando.

O objetivo da criação do selo foi fazer a conexão entre esse novos autores e um público que está entediado em ver a mesmice dos lançamentos – que ver obras diferentes das que estão na livrarias. Buscamos roteiros que fujam do comum, que seja originais e desafiem o leitor. Os escritores precisam não precisa necessariamente ser jovens, embora a maior parte deles sejam.<sup>74</sup>

Amanda passa boa parte do dia navegando por blogs, sites e páginas na Internet. Ela têm um blog e um fotolog<sup>75</sup>, não apenas para manter contato com a comunidade de escritores online, mas também para entender as regras de escrita específicas das ferramentas da Internet. Jovem e atenta, Amanda percebeu que a idéia de um selo específico une os autores em uma identidade e ajuda os leitores na busca por novas obras. A temática de cada um é bastante específica, e é

<sup>74</sup> Amanda Orlando em entrevista finalizada em 12 jun 2005

<sup>75</sup> Página de postagem de fotos e pequenos comentários

quase impossível identificar semelhanças entre as propostas e os textos publicados. Mas todos, sem exceção, têm uma ativa vida online.

Apesar de a procura por originais acontecer em grande parte via Rede, Amanda deixa claro que a seleção é feita através de originais. O caminho é facilitado para aqueles que têm boas páginas consideradas literárias na Rede, e que aos poucos ganham visibilidade, e podem inclusive receber um e-mail da editora solicitando material. Mas quando recebe e-mails com textos que lhe interessam, Amanda imediatamente solicita um original.

Ainda há uma grande mítica em torno do papel – mesmo que eu me interesse por um blog e leia fragmentos na Rede vou querer examinar o impresso para ter uma noção de obra. O original é indispensável para checar se o escritor tem fôlego para concluir um livro. Postar duas frases inspiradas é fácil. Mas chegar ao fim de um livro é para poucos.<sup>76</sup>

Depois da aprovação do original, a estratégia de lançamento é pensada em múltiplas mídias. A divulgação é feita em dezenas de endereços na Rede como o site da Rocco, portais de vendas diversos, blogs, páginas pessoais e até mesmo comunidades do Orkut. No material impresso para a divulgação, há dados pessoais sobre os escritores incluindo seus endereços eletrônicos. Dessa forma, mesmo quem não é habituado a pesquisa sobre literatura na Internet pode acessar a página do escritor e adentrar nessa “rede” literária em construção na Web.

Quanto ao trabalho de edição, Amanda garante que a relação é bastante complexa, não porque eles começaram na Rede, mas porque são iniciantes. Essa delicadeza ao talhar o estilo dos novatos é uma preocupação antiga, mas é potencializada na Internet que permite uma liberdade de conteúdo maior e de certa forma uma tolerância em relação a temas incomuns.

A maior parte dos autores que publica na Internet compõem textos ainda muito crus, mas raramente recebo originais com abreviações ou erros gramaticais comuns nos blogs. O estilo do texto, o conteúdo, a forma de se dirigir ao leitor e as temáticas mais líricas são aspectos de diversos textos que publicamos, que se assemelham a blogs, mas a escrita em si é diferente. O que faz com que a Rede seja muito mais um espaço de troca e vitrine do que um meio de divulgação de literatura como obra finalizada.<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> Amanda Orlando em entrevista finalizada em 12 jun 2005

<sup>77</sup> Amanda Orlando em entrevista finalizada em 12 jun 2005

Aos poucos, os próprios escritores que antes usavam a Rede apenas para desabafo e interação tomam consciência de que um site bem construído e a participação em comunidades e blogs coletivos podem abrir portas ao sonhado mercado impresso. Além disso, o mercado editorial deixa de ver a Internet como inimiga e toma consciência de que os textos são entidades vivas e mutáveis, que apreendem influências de quem os cria, da tecnologia que o materializa e de quem os lê e edita. O texto não se dissocia do presente e jamais pode ser isentado do meio em que está sendo construído.

O impacto dessa nova liberdade de produção, desse papel mais atuante do autor na publicação e no surgimento de pequenos selos que dão conta de novos nichos, ainda não pode ser precisado, mas as pistas evidenciam que noção de literatura será alterada com a Rede. Se antes o blogueiro não esperava mais do que desabafar e trocar impressões com amigos, a ferramenta já mostrou a força que tem como vitrine. O novo escritor deixa de percorrer as editoras com originais mimeografados armado com seu carisma pessoal e acreditando que com sorte seu manuscrito será lido. Agora é possível enviar e-mails com amostras literárias, indicar blogs e páginas pessoais e despertar mais facilmente a curiosidade dos editores. É claro que o caminho não é fácil e a concorrência na própria Web já é acirrada. Mas além de um novo local para o treino da escrita – mesmo durante o expediente, quando surge aquela idéia imperdível - o escritor tem um espaço de produção e divulgação gratuito. Que altera as lógicas editoriais, autorais, comunicacionais e literárias e representa, para o escritor iniciante (aquele com um mouse entre os dedos e uma idéia na cabeça) uma saída concreta em um ambiente literário que parecia fechado às novidades.

## 4 NOVOS AUTORES EM REPORTAGENS

### 4.1 Clara Averbuck - Blog, romance, exposição e egotrip

#### **Blogueira, diarista, escritora**

Lady Averbuck não atualiza seu diário há tempos. Precursora das celebridades do ciberespaço, autora de *Brasileira preta*, um dos blogs mais acessados da blogosfera que se materializou em livro, Clarah Averbuck quase não usa a Internet. No fim de 2003, ela anunciou: “Agora eu vou escrever livros. Chega de blog, chega de escrever de graça, chega de gastar as minhas histórias”. Com poucas recaídas, Clarah deixou de “postar” e publicou três livros, sem contudo se livrar do estigma de blogueira ou de autora de diário.

E nada é impessoal na escrita da Clarah. Mas ela não está preocupada com o preconceito que ronda os escritores de blogs – potencializado se o autor fizer do espaço um diário virtual. Mas que não a chamem de blogueira, porque “quem faz revista não é chamado de revisteiro”. Clarah publicou em 2004 seu terceiro livro, *Vida de gato*, um romance em que ela fala de uma grande paixão - já havia anunciada no blog *BrasileiraPreta*, e que rendeu casamento e filha. A segunda obra da escritora, por sinal, é uma coletânea de posts um pouco modificados “para não ficar com cara de blog”. A edição mínima manteve todas as características de um diário virtual, para alento dos quase 1500 fãs que visitavam *Brasileirapreta* diariamente. *Das coisas esquecidas atrás da estante* é um livro-blog ou um blog que virou livro, sem que isso soe de forma pejorativa. Fã de Charles Bukowski e John Fante, Clarah não tem tempo para discutir se o que faz é literatura ou não é. Mas cansou dos rótulos e não acompanha mais as últimas novidades da Internet.

Uma das primeiras escritoras virtuais do Brasil, Clarah esteve no Cardoso Online, publicou em diversos sites e manteve blogs até chegar a colunas na *Tribuna da Imprensa* e revista *TPM*. Hoje, a escritora tem comunidade de fãs no Orkut, mas não tem perfil cadastrado na rede de relacionamentos. A Internet começou a interferir demais na vida da autora, quando os leitores começaram a vasculhar e espalhar boatos sobre a vida de Clarah e “ a arte contaminou a vida”, como justifica em um dos posts. Conhecida pelo

temperamento forte e muitas noitadas regadas a álcool e sexo narradas no blog, Clarah havia acabado de engravidar e teve medo – pela primeira vez ela tinha algo a perder. A escritora não nega a importância da Internet para a divulgação de seu trabalho, mas por enquanto não há nenhum blog previsto, muito menos listas de discussão sobre trabalhos futuros. Clarah já teve mais que 15 minutos de fama e agora quer recuperar a solidão que exige seu processo criativo. O afastamento necessário a uma escritora.

**- Quando você começou a publicar textos na Internet?**

Minha relação com a Internet começou em 1999, em um site chamado Não ([www.nao-til.com.br](http://www.nao-til.com.br)), em Porto Alegre, onde eu publicava alguns textos. Eram narrativas muito cruas, eu tinha 17 anos, ainda não estava na faculdade (que não terminei) e começava a conhecer a Internet. No site também publicavam o Galera e Cardoso e nomes como Jorge Furtado e José Roberto Torero. Estávamos no início da popularização da Internet e era uma estrutura simples de publicação. *(a página era composta por uma sucessão de links dispostos linearmente e teve a última edição publicada em Dezembro de 2003)*.

**- Como foi o convite para o Cardoso Online?**

Eu e o Daniel Pellizzari tínhamos uma amiga em comum e eles conheciam os textos do Não, então me convidaram para fazer parte do grupo. Aliás, grupo talvez seja a melhor definição para o tempo do Cardoso. Éramos jovens que faziam festas alternativas que chegavam a 400 pessoas (o que é um número muito alto pra festas desse tipo), alguns estavam na faculdade e o único objetivo era se divertir. Jamais imaginávamos que o zine se tornaria o sucesso que se tornou tanto na mídia quanto em número de assinantes. Foram quase três anos de publicações e então cada um foi se envolvendo com seus projetos pessoais, alguns foram para o jornalismo, outros criaram a editora Livros do Mal eu me mudei para São Paulo. E resolvemos que era a hora de acabar.

**- Logo depois você abriu o blog, o Brasileira Preta. Foi o primeiro? O objetivo era fazer um diário virtual?**

O Brasileira foi o primeiro blog e foi criado porque eu precisava de um espaço para desafogar uns textos. Ele acabou se tornando uma mistura de diário e reflexões, mas o objetivo não era fazer um diário. A minha literatura sempre foi confessional, daí a confusão das pessoas em rotular como diário. Aliás, para mim quase toda a literatura é confessional, a matéria dos escritos é a própria vida. E eu uso o “quase” só para não causar polêmica.

**Mas o blog foi uma influência ou um espaço de treino antes do lançamento do seu primeiro livro, *Máquina de Pinball*? Foi uma experimentação literária?**

Acho que o Cardoso teve muito mais influência do que o blog. O que me irrita é que a mídia rotulou os escritores que têm blog de blogueiros. Por acaso quem começou publicando contos em revistas é revisteiro? É claro que teve um lado de experimentação sim, como também teve um lado de diário. Agora a publicação do livro nada teve a ver com o blog. O blog começou em outubro de 2001 e *Máquina de Pinball* foi escrito entre julho e dezembro, então não existia possibilidade cronológica de influenciar diretamente no livro. Agora, o COL ajudou porque os editores da Conrad conheciam meu trabalho no zine e me pediram para mandar o primeiro capítulo do livro. Além disso, o perfil da editora é transgressor, eles publicam Hunter Thompson (*criador do jornalismo Gonzo, uma vertente do novo jornalismo que em o repórter “invade a história” como comentários e observações*), por exemplo. Essa foi a verdadeira ponte da Internet pra mim.

**Mas não há como negar o sucesso do blog, nem o fato de ele ter ajudado a divulgar o livro..**

Não, claro que não. O blog me tornou conhecida, mas cumpriu exatamente o seu papel - o de ser uma ferramenta de comunicação. Foi bom para a mídia, para ser uma referência da minha vida e para me rotular também. Mas depois começou a incomodar porque era muito pessoal, eu me expunha muito. Em um livro é complicado para o leitor chegar até o autor, ele tem que escrever uma carta para a editora. Em um blog é fácil mandar e-mails, espalhar boatos, comentar em outros blogs.. De repente, todos se julgavam profundamente conhecedores da minha vida porque eram meus leitores. E também coincidiu com a época em que eu conheci o pai da minha filha e engravidei, e esses boatos não atingiam somente a

mim, agora eu tinha algo a perder. Comecei a ficar hermética demais nos posts e então cansei.

**Como foi o convite para publicar *Das coisas esquecidas atrás da estante*, que é uma coletânea de posts do blog?**

Acho que a primeira coisa a se ponderar é que as pessoas em 2001 tinham uma relação diferente com os blogs. Havia muito preconceito, era uma ferramenta nova e já taxada de sub literatura. *Das coisas esquecidas atrás da estante* foi uma proposta que a 7 Letras me fez durante a Primavera dos Livros. Como eu não queria que aquilo se perdesse, achei a idéia boa. E hoje acho que foi válida principalmente porque foi uma iniciativa pioneira no Brasil, muitas das pessoas que eram conectadas ainda não sabiam o que era blog.

**Como foi a seleção dos textos ? Foram muitas modificações ao passar do blog para o papel?**

Eu escolhi os posts e tive uma única preocupação: trocar a ordem cronológica para o livro não ficar com cara de blog. Não usei os posts muito pessoais, principalmente aqueles que exigiam a leitura de uma sequência longa para que fossem compreendidos. O Jorge Viveiros de Castro, editor da 7 Letras, fez algumas modificações. A maior parte delas eu nem gostei, mas o livro ficou bom.

**O que quer dizer não ficar com cara de blog? Você escolheu textos mais abstratos, deixou de lado as narrativas mais pessoais?**

Sim. Escolhi posts mais gerais, mais trabalhados e menos narrativos mesmo. Até para que eles fizessem sentido fora do blog. Mantive as datas, mas omiti a hora, não precisava. E a edição existiu sim, mas não foi muito grande.

**Então você acha que de uma maneira geral o principal objetivo do blog é divulgar o trabalho do escritor que está começando para a grande imprensa?**

Sim. Como eu falei, é um espaço para experimentação e de encontro também. É engraçado você pensar que essa rede de novos escritores começou nas listas de discussão dos e-mails.



Eu conversava por e-mail com o J. P. Cuenca e com a Cecília Giannetti, e na última Bienal nós todos sentamos juntos e tomamos cachaça – agora somos escritores. A relação com a Internet mudou porque hoje as pessoas começam a usar as ferramentas para se promover. Elas pensam: quero ser escritor, vou criar um blog. Antes não era assim, a gente queria descobrir a ferramenta e o blog para mim era apenas um meio de facilitar as coisas. Eu não sabia programar em HTML (*a linguagem da Internet*) então um amigo americano me falou que era possível publicar facilmente com o blog. E foi aí que comecei.

**- Você lançou Vida de Gato em 2004, um romance. Quais são os próximos projetos, você está escrevendo um novo livro?**

Estou escrevendo dois. Um de encomenda informal (porque eles encomendaram, mas não me deram adiantamento) pra Cosaic Naify, destinado ao público juvenil, ainda sem título. E há também o romance que se chama *Toreando o Diabo*, que estou escrevendo há um tempo já, mais de um ano.. Mas os leitores cobram, têm pressa. Não é mais como antigamente, quando levar cinco anos para escrever um livro era normal.

**E quanto a Internet?**

Por enquanto não tenho a intenção de ter um novo blog, mantenho apenas o blog da minha banda porque o resto do grupo queria e não deu para ir contra. Não frequento o Orkut, quase não uso mais a Internet. Parece uma contradição para quem se expôs tanto, mas de certa forma sou obsoleta. Eu não quero falar dos meus livros em comunidades, muito menos comentar os enredos durante o processo criativo, preciso da solidão do ato de escrever. O processo é só meu, precisa ser focado, solitário. Não quero ler comentários de dezenas de pessoas. Quem quiser falar comigo que me mande um e-mail.

## 4.2 João Paulo Cuenca - Bastidores da produção literária online

### Todas as mulheres do mundo

Carmen amamenta o filho. Carmen faz *strip tease*. Carmen pede ao amante para andar na praia. Carmen sente frio ao atravessar o sinal do Lido. Carmen é mãe, irmã, amante. Carmen é todas as mulheres do mundo, a protagonista de *Corpo Presente* (Planeta), o primeiro romance de João Paulo Cuenca. Antes mesmo de ganhar vida nas páginas do livro, alguns leitores já conheciam Carmen através do blog *Corporepresente*, que Cuenca criou enquanto o livro estava em fase de edição – “a maneira que encontrou de não enlouquecer”. A terapia deu certo. Além de manter a sanidade, Cuenca conquistou espaço na mídia incomum para um iniciante. Mesmo considerando que o novato em questão tenha realmente uma boa história para contar.

E a vida de Carmen é mais que uma boa história. Carmen tem múltiplas identidades, divididas por capítulos representados por uma sequência de números primos – divisíveis por um e por eles mesmos - uma referência aos diversos desdobramentos que a trama pode tomar. O livro é uma poderosa mistura de romance, egotrips, diário e crônica. Cuenca está farto “das cabeças da nova geração, uma linhagem de chatos queixosos” e combate as longas digressões existenciais com sexo, drogas, perversões e escatologia. O protagonista e Alberto (ou seriam apenas um?) não conseguem escrever, tampouco se afastar da escrita. Só o que há para fazer é ver o reflexo do vazio nos diários da Rede e anestesiá-la própria falta de perspectiva com álcool, sexo e as paixões diárias por todas as mulheres do mundo.

J. P. Cuenca chegou às páginas impressas pelas mãos do editor Paulo Roberto Pires, que gostou de alguns contos publicados nas revistas *Ficções* e *Àcaro*. Na época, Cuenca mantinha o blog *Folhetim Bizarro*, do qual não gosta muito de falar, mas que já admitiu ter usado como um treino literário, ou um exercício para ganhar confiança”. Mesmo antes do blog, o escritor já publicava online em sites como o *Falaê!* e participava de listas de discussão de novos autores.

Ao criar o blog *Corporepresente*, Cuenca narra desde a trajetória ao escrever o livro até detalhes sobre a editora, tudo isso salpicado com fragmentos da narrativa. Blog e obra

se fundem em coincidências online que atijam a mais clichê das perguntas sobre literatura: o quanto da vida real de Cuenca está na narrativa? No blog, ele admite que está com dificuldades de revisar até a página cinquenta, enquanto no livro, está é a página onde “o negócio começa a ficar extenuante ao protagonista”. Em um dos posts, o autor fala da perseguição de um tal de JP, um chato que entra na sua casa e escreve umas babaquices. No livro, Alberto manda o protagonista calar a boca. Ao mesmo tempo em que identidades se confundem, Cuenca dialoga com o livro através do blog. Em uma das passagens, admite o recurso autobiográfico porque “a página do Word é um espelho e os olhos de vocês, lendo isso aqui, são pequenos espelhos. Eu vou construindo meu reflexo com palavras”.

Além das referências, os leitores podem mandar opiniões e resenhas sobre o livro para o blog, que armazena desde críticas como a do escritor Marcelino Freire, até simpáticos comentários de anônimos. Ainda ativo, o blog representa o impacto que o livro lançado há dois anos ainda tem, talvez menos pela sua originalidade do que pelo fato de incomodar, de provocar as mentes vazia, usando recursos e linguagem tão familiares à nova geração, como fragmentação e *egotrips*.

Depois de *Corpo Presente*, Cuenca publicou Parati para mim (Planeta), em co-autoria com outros convidados da primeira Festa Literária Internacional de Paraty, em 2003, e alguns contos em coletâneas, como o livro *Prosas Cariocas*. Ele escreveu crônicas para a Tribuna da Imprensa e Jornal do Brasil, e atualmente é colunista da revista TPM. Nessa entrevista, ele fala dos blogs, dos livros e de sua trajetória particular até a publicação – e deixa claro que não acredita que a Rede possa influenciar a literatura de ninguém, mas que é uma excelente ferramenta de divulgação.

**- Quais foram as principais motivações para criar o blog Folhetim Bizarro? Por que você optou por constituir diálogos? A que você atribui o sucesso que ele teve, citado em várias matérias e com um número de acessos alto no início da explosão dos blogs no Brasil?**

Escrevo minhas coisas desde sempre e pelos idos de 1996 comecei a fazer isso com mais método. Antes do Folhetim, escrevia e mandava por e-mail para alguns amigos. Criei o

blog porque era mais prático divulgar. Hoje, eu não gosto desse blog. Não sei se pode ser dito que ele fez "sucesso" e, se fez, sinceramente não sei explicar o motivo.

**- Ainda no Folhetim, você fala com certo desprezo dos blogs como diários pessoais, como se popularizaram a maior parte dos blogs. Por que? Você diz também que quer ir além da literatura chorosa, dos chatos e dessa nostalgia vazia...**

Veja bem, não é desprezo. É questão de gosto pessoal. Eu não gosto da maior parte dos blogs que visito - como tampouco gosto da maior parte dos livros, discos, programas de tv etc.. E sobre a nostalgia vazia, chatos etc, quem diz isso é o personagem do meu livro, não eu.

**-Você não se considera um escritor de internet, muito menos um blogueiro, mas acha que é possível analisar influências da internet no seu texto? Há quem defenda que a Internet encurta capítulos, multiplica as repetições de frases e palavras e constitui uma narrativa fragmentária, você concorda? Quais são as influências que você vê no meio virtual no texto?**

Não acredito que Internet influencia a literatura de ninguém. Pelo menos, não a minha. fragmentação, por exemplo, é um recuso velhíssimo. A Internet é só um ótimo meio de divulgar e se comunicar.

**- Alguns críticos se surpreenderam com a qualidade e segurança do texto de Corpo Presente e apostaram que isso poderia ser reflexo do " treino em blogs". Você concorda?**

De jeito nenhum.

**- A linguagem de seu livro e os temas realistas, urbanos e obscuros lembram o estilo de Rubem Fonseca. Influência ou coincidência? Quais são suas principais referências literárias?**

Eu não consigo enxergar literatura em termos de referência. Li muita coisa, mas sou influenciado por muito mais do que livros: cinema, vida, poesia, música. Sobre o Rubem,

acho que eu e ele temos em comum muito mais o cenário (e alguns temas, certamente) do que o estilo.

**-Você é, provavelmente, o autor contemporâneo do Rio mais conhecido, cujo livro de estréia teve a maior repercussão, está nas coletâneas do Paralelos, em Dentro de um livro, Parati para mim... A que você atribui isso? Acha que o fato de ser cronista ajudou a impulsionar a divulgação do romance?**

Quando o romance foi lançado, eu era cronista da Tribuna da Imprensa, um minúsculo jornal aqui do Rio. Certamente esse posto não contribuiu em nada para a divulgação do livro. “Gosto” de acreditar que o livro teve a repercussão que teve porque é bom. E necessário, quem sabe?

**Como você avalia a recepção do mercado editorial aos novos escritores ou ao menos como foi a sua experiência em negociar a publicação impressa?**

O mercado lentamente acorda para isso. Só falta agora formar público, pois as editoras já começaram a apostar. Eu tive muita sorte, pois não precisei bater na porta de ninguém para publicar o romance. Publiquei um fragmento do livro na revista ficções 9 (ed. 7 Letras) que chamou a atenção de um editor, e assim foi.

**Como surgiu a idéia de criar o blog Carmencarmen? Ele foi motivado pela vontade de dialogar com o público ou como tentativa de marketing? O livro já estava terminado quando você começou o blog e estava em fase de edição? De que maneira o diálogo com o público no blog alterou o texto impresso?**

Surgiu pela necessidade de desabafar, mais do que por vontade de dialogar. Acabou que o retorno foi sensacional e muito importante pra mim naquele momento. O livro estava em fase de edição, mas o diálogo com o público não alterou nada do texto impresso. Ele apenas me ajudou a não enlouquecer de vez.

**Você acha que existe um novo movimento literário impulsionado pela internet? Ou você considera a Rede apenas uma ferramenta? É possível afirmar que há uma série**

**de transformações na lógica literária, considerando a Internet um novo espaço editorial (ou brecha editorial), de publicação e divulgação do trabalho?**

Apenas uma ferramenta. Mercadologicamente, talvez exista uma mudança, mas eu não apostaria nela. Talvez apenas como suporte do produto principal: o livro.

**Outra questão é o papel do escritor que deixa de ser uma pessoa isolada que prepara todo o manuscrito e apresenta ao editor e passa ao papel de trabalhador que dialoga (por meio de blogs ou não) e também se torna uma celebridade. De que maneira você acha que isso transforma o processo de desenvolvimento do texto e o produto final?**

Escritores celebridades não são novidade, e certamente não surgiram por causa da Internet. Acho que, se o cara se leva a sério, não deixa isso interferir negativamente no seu processo de trabalho.

**Como você avalia a literatura feita nos blogs hoje? Que sites você visita com frequência?**

Há algumas boas iniciativas. Vou sempre no blog da Cecilia Giannetti, do Cardoso, do Carpinejar... E de alguns amigos também. Sendo muito sincero, não tenho muita paciência para ler literatura no computador.

### 4.3 Dodô Azevedo – Literatura em multimídias

#### Solidão no século da conectividade

Dodô Azevedo é uma daquelas celebridades cariocas que transita entre o conforto do anonimato e as vantagens de ser quase uma celebridade. Jornalista, baterista da banda Pelvs, produtor da festa Pessoas do Século Passado e escritor é quase impossível vê-lo circular por mais de dez minutos pela cidade sem esbarrar com algum conhecido. Uma bela ironia para quem começou a escrever um livro sobre a solidão. *Pessoas do Século Passado* (Rocco) é um apanhado de e-mails compostos por 38 personagens fictícios, que moram no mesmo prédio em Santa Teresa, mas não se conhecem. Homens, mulheres e crianças entre 6 a 86 anos que têm em comum o fato de terem nascido no século passado.

Os avatares digitais de Dodô há muito vêm sendo espalhados pela Rede. Ele começou a publicar em bits em 97, na coluna Finito, que mandava por e-mail aos amigos. A experiência rendeu o convite para trabalhar no Globo Online e o nascimento da seção de crônicas Quebra-mar. Em 2001, entra no ar o site do Pessoas ([www.pessoasdoseculopassado.com.br](http://www.pessoasdoseculopassado.com.br)), que se tornou o endereço oficial dos escritos de Dodô na Rede. O endereço eletrônico é uma experiência de estender a leitura do livro, ou como enfatiza o escritor Joel Rufino dos Santos no prefácio, a materialização de “um livro que nunca acaba”.

Os personagens são apresentados através de fragmentos de suas histórias, relacionados através de palavras chaves que representam a cultura da virada do século, como anfetaminas, Indiana Jones, Nirvana, Nietzsche e Woody Allen. São e-mails curtos, que raramente ultrapassam duas páginas e que dialogam entre si. Michael Bloom é um inglês de 86 anos que ao ouvir uma música que vem do quarto da neta e da namorada “porque o novo século é hospitaleiro ou esconde seus preconceitos muito bem” relembra o grande amor da sua vida - aquele que derrubou com vinho roubado e brilho dos trópicos, seus hábitos ingleses tão sem graça. Marco Aurélio, de 13 anos, pede cola durante uma prova, argumentando que o mundo precisa ser mais solidário nesse novo século. A vida no livro é “uma imensa dança das cadeiras, e a Internet ajuda a entender isso bem” em um tempo onde “Marilyn Monroe já está para Perséfone como o Superman está para Hércules”.

O bem cuidado trabalho gráfico traz um cabeçalho simulando um e-mail em cada página, que identifica o remetente, com sua profissão e idade e o assunto da mensagem. Os autores não se conhecem, mas já ouviram falar do “escritor que pediu representantes do século 21” o que faz o leitor trafegar entre acreditar de que se trata realmente de vários personagens ou de uma ficção. O trabalho do livro se completa com imagens diversas, desenhos, colagens, manuscritos, montagens e fotografias que representam ícones do século passado, principalmente da década de 80.

Reunir pequenas frases que interligam os e-mails é uma técnica usada por Dodô que facilita e instiga a leitura. Ao passar os olhos por “Geralmente (pág.58) enxergo (pág. 60) sexo e lágrimas (pág.84) onde guardo o meu primeiro dente de leite (pág. 142), ontem tomei pílulas azuis com vinho branco (pág. 112)”, o leitor encontra um guia de localização rápida para escolher entre sexo, drogas e rock and roll. Com a vantagem de escolher ler de forma linear ou simular a existência de links. Através do artifício simples de reunir trechos dos e-mails identificando sua localização, Dodô faz com que a interatividade extrapole o ambiente virtual e passe ao impresso.

A idéia de dar pistas aos leitores de como ler a obra em fragmentos não é nova, argumento sempre justificado com a referência do livro *Jogo de amarelinha*, de Julio Cortazar, onde é possível ler os capítulos em ordens diferentes. Mas o *Pessoas do Século Passado* vai além – e faz uma obra que sobrevive a leituras sucessivas mesmo sem constituir uma pensata filosófica ou um compêndio de ensinamentos. Simples registros, atualizados por tempo indeterminado, com os quais qualquer pessoa que tenha mais que seis anos se identifica. E isso é só o começo: em junho de 2005 Dodô criou a comunidade "Dodomundi", no site de relacionamentos do Orkut, na qual mantém um diário sobre a escrita de seu novo romance, o sucessor do *Pessoas do Século assado*. O início das discussões já começou com a sugestão do título provisório e deu pistas de que dessa vez mais que 39 identidades farão parte do novo livro.

**- Por que escolher enviar as observações do mundo através de e-mails de diferentes personagens ?**



Para mostrar que um senhor de 80 anos e uma menina de 10 podem ter observações do mundo bastante interessantes. Geralmente, a persona do escritor todo poderoso, talentoso, guru, é a única respeitada pelo leitor na hora de dar atenção a observações do mundo por escrito. O negócio era se livrar dessa hierarquia tola em que escritor é um ser extraordinário e o leitor ordinário. Foi por e-mail porque gostei da ironia de que pessoas do século passado, hoje se correspondem eletronicamente.

**- Como você elaborou o perfil de cada um deles?**

Baseado em pessoas do meu convívio. Passei a prestar atenção no que minha tia de 50 anos falava, que tipo de vocabulário, que tipo de problemas ela tinha. Ou observei primos pequenos. Tive longas e numerosas conversas íntimas com amigas, para me inteirar do universo feminino. E também com pessoas desinteressantes, para escrever como uma delas.

**- O objetivo era fazer um site que se tornasse um livro, ou um livro que se mantivesse vivo no site? Como você foi desenvolvendo as outras mídias, como o CD e a festa? Quais foram os objetivos em criar para as novas mídias?**

O objetivo era fazer um livro que se mantivesse vivo no site. Depois botei no papel tudo o que sei fazer na vida. E resolvi aplicar a mensagem, a ideologia, o conteúdo do livro, em tudo que eu soubesse fazer. Sou músico, por isso transformei cada texto numa canção. Fiz uma festa em que todo mundo é obrigado a dançar o melhor do século passado. O objetivo principal era me realizar em cada uma das mídias: me realizar como músico, como dj, como diretor de cinema. Há seis curtas metragens do livro. Um deles ganhou o festival internacional de Tóquio.

**- Quais são as peculiaridades de cada uma das mídias?**

A Internet tem a peculiaridade deliciosa de ser uma coisa fora de controle. Algumas pessoas mandam textos completamente loucos para o site, por exemplo. O CD fala com a sensibilidade musical de cada um. Você pode induzir a pessoa a um estado de espírito por fazer um arranjo mais triste, etc. Você pode fazer um barulho, um ruído, que é impossível de se fazer em livro. Não dá para aumentar nem baixar o volume num texto.

**- No prefácio você diz que o *Pessoas do Século Passado* é um livro sobre a solidão (tecnológica e pós-moderna). Como o livro dialoga e representa as premissas do pós-modernismo de fragmentação, crise de identidades e pastiche?**

Sou mestre em lingüística, estudos da linguagem, pela Puc-Rio. Minha linha de pesquisa procura entender porque quanto mais nossa comunicação é facilitada, mais nos isolamos. E ver a Internet como um lugar onde a crise de identidade se transforma em confusão de identidade. Todo mundo pode ser quem quiser pela rede. Várias pessoas lançam textos na rede e assinam Luis Fernando Veríssimo, por exemplo.

**- Como foram selecionados os termos do Glossário?**

De modo a que daqui a 400 anos, só pela leitura do glossário se tenha uma idéia de como era a sociedade na virada do século. Também selecionamos termos que fizessem um contraponto irônico ao fato de estarmos falando do século passado, como o termo "Quake" (um videogame de ultima geração). Há a função de destacar, por exemplo, "pílulas azuis" como termo só para deixar bem claro que o leitor vai encontrar várias pílulas azuis ao decorrer do livro.

**- Que influências, em acesso, conteúdo ou em outros aspectos o lançamento do livro rendeu ao site ?**

O acesso triplicou. Quanto ao conteúdo, talvez identificados com uma certa melancolia que o livro contém, os textos que vêm chegando são quase todos melancólicos.

**- Como você avalia a literatura que está sendo produzida e divulgada na Rede hoje?**

Exatamente como avalio a literatura que esta sendo produzida e divulgada em papel: há coisas ruins e há coisas boas. A diferença é que quem escreve coisa ruim na internet não está usando árvores arrancadas. Na internet você tem o delicioso direito de fazer má literatura. Agora, publicar sem ser bom é uma sacanagem com as árvores.

**- Que sites você visita? E quais são suas referências literárias?**

Todos os sites que, como o *Pessoas do século passado*, publicam textos “de qualquer um”. Gosto muito também de sites de história geral. Adoro sem culpas o Orkut, que é a revista caras da Internet. E os fotologs dos meus amigos. Ah, e sou viciado em colunas. Tenho uma necessidade incrível de ler tudo o que os colunistas estão escrevendo, para não me repetir. Quanto às referências, a clareza de manual de redação aliada com profundidade nas entrelinhas, praticados por John Fante e, principalmente, Jim Dodge. E as firulas literárias do Julio Cortazar. É contraditório, eu sei. Mas como disse Walt Withman: “Eu sou contraditório, eu contendo multidões”.

**- Você acha, como professor de literatura agora, que é possível identificar características em comum entre os escritores contemporâneos, em estilo e temáticas?**

Dá. E a característica comum é única: não ter características em comum com nenhum outro. Incrível, somos a geração mais heterogênea da história brasileira da literatura. Isso é maravilhoso.

**- Como você avalia a recepção do mercado editorial aos novos autores, como foi ser convidado para inaugurar o selo safra XXI?**

O mercado nacional agiu com desconfiança e má-vontade. O internacional adorou. O conceito, safra XXI, levado pela Rocco, foi a sensação da última feira de Frankfurt.

**- Quais são as principais dificuldades encontradas para a publicação ?**

Ser um novo autor te obriga a fazer necessariamente uma nova literatura, com o compromisso com o experimento. Uma pena. Um autor novo que viesse com os originais de um livro como *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal, não seria publicado. Stendhal não seria publicado hoje.

**- Que vantagens e problemas você vê em começar na internet e depois publicar ?**

O principal problema é que há editores de cadernos culturais que se recusam a fazer matérias com escritores que vieram da internet. Eles nos consideram sub-escritores. As

vantagens são: na Internet você pode praticar antes de lançar livro. Escrever as maiores besteiras, amadurecer e estar pronto para lançar o livro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura continua, o romance continua, a poesia continua, somente que concebidos em outros termos. Os meios de comunicação e a formulação da literatura é que evoluíram. Isso não vai acabar nunca.<sup>78</sup>

Comunicar é construir a realidade. A literatura que constrói, destrói e desconstrói pensamentos é parte fundamental de cada cultura – em qualquer suporte que a sustente – na fala, no papel ou no virtual. Essa pesquisa procurou mostrar de que maneira a técnica contamina a produção e difusão literária, sem que isso decrete o fim do prazer suscitado pelo embalo das palavras. Ao longo da análise do mercado e da produção de dezenas de entrevistas com autores, fica claro que a literatura passa por um momento de extrema variedade e riqueza de produção. Ainda que seja prematuro conceituar a existência de uma nova geração de escritores ou a constituição de um novo gênero literário, é impossível não admitir, como bem conceituou o editor Paulo Roberto Pires, que estamos vivenciando uma cena literária peculiar em quantidade e diversidade de escritos.

A Rede tem papel fundamental na preparação e distribuição das obras. O texto virtual abriga particularidades em relação aos impressos – é contaminado pelas diversas vozes que convivem lado a lado na tela. Em bits, o hipertexto pode ser percorrido linearmente, estar acompanhado de um fundo musical, receber uma ilustração ou contribuição escrita por um amigo que está presente através da janela do comunicador instantâneo. A solidão do autor durante a criação é interrompida, mas isso não faz com que os textos literários sejam pouco desenvolvidos, porque quase todos os autores estudados consideram a Rede um laboratório dos escritos - um espaço de produção de obras que podem ser infinitamente editadas. Ao preparar a transposição para o papel, os autores adequam frases, mergulham na solidão necessária à criação e esculpem um texto que pretende ser mais que a verborragia do tempo real.

Ao mesmo tempo em que a Internet transporta os primeiros dígitos literários, ela se transforma em um poderoso canal de comunicação entre os escritores, organizando uma

---

<sup>78</sup> SABINO apud GIANNETTI. **Carta Aberta**. Disponível em <http://web.archive.org/web/20041012092716/www.paralelos.org/out03/000293.html>. Acesso em 23 mai. 2005.

rede de autores que trocam informações e organizam eventos fora do universo virtual. No início do movimento na Rede brasileira, há cerca de seis anos, a pretensão era apenas explorar o novo meio de comunicação. Hoje, com a atenção dispensada pelo mercado editorial, os escritores começam a se conscientizar de que a Internet é uma importante ferramenta de busca por novos autores.

Essa reconfiguração do papel da Rede faz com que os sites se especializem mais, profissionalizem os escritos. Em cada blog, embora nem sempre exista o desejo literário, sempre há a vontade de ser lido e nessa escrita formatada pelos olhos de outros usuários pode se revelar uma talentosa voz literária. É através da facilidade e imediatismo de publicação que os autores estão partindo para a autopublicação ou parcerias com pequenas editoras, que garantem a sobrevivência dos bits em meio impresso. Ao mesmo tempo, os grandes conglomerados editoriais estão atentos a um fenômeno que, se ainda não garante best-sellers, rende lucros em um nicho próprio da literatura.

Os autores citados nessa pesquisa têm opiniões contraditórias sobre o papel do ciberespaço. Alguns se rebelam contra o rótulo de “blogueiro” ou escritor de Internet, outros afirmam que a Rede é apenas um meio de divulgação, e há ainda quem se encante com a interatividade da ferramenta e planeje uma obra coletiva, submetendo leitores a sabatinas virtuais diárias. Independente das peculiaridades, nenhum deles nega que a Rede facilitou o caminho até a publicação. Aos poucos, o mercado editorial percebe o fenômeno, e apesar da escassa rede de leitores brasileira, derivada principalmente dos baixos índices econômicos e de um hábito de leitura pouco consolidado, esses escritores conquistam um espaço precioso de publicação – virtual e impressa.

Essa relação fomentada pelo virtual invade veículos da grande imprensa em forma de reportagens e parcerias, e também conquista espaço em páginas de escritores já consagrados. Derrubando questionamentos retrógrados, como os que insistem em veicular literatura a determinado gênero ou suporte, os novos autores convivem lado a lado com a tradição, não só como fontes de inspiração, mas em colaborações frequentes. Na Rede, as hierarquias tornam-se mais fluidas, e as definições de autoria e originalidade são alteradas.

Entre o pessimismo dos saudosistas, o medo da corrupção da língua portuguesa e a ciberutopia de participar do primeiro meio de difusão coletiva interativo por conceito, essa

pesquisa fez um breve levantamento das questões que começam a surgir com a participação dos escritos virtuais na transformação da lógica mercadológica. As conclusões são sintomas evidentes de que a Internet aponta caminhos e altera relações com a produção da obra, com a relação com os editores e na troca com os leitores. Ao invés de destruir, o mundo virtual pode enriquecer e facilitar o acesso à arte literária, porque os meios de comunicação evoluem e alteram os escritos, mas, como profetiza Fernando Sabino “a literatura continua.”

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A.; SÁ, S. Hipertexto, jogos de computador e comunicação. **Revista Famecos**, Rio Grande do Sul. Dez. 2000. Nº 13. p. 83 - 93.

ALVES, R. **Reação à beira-mar**. Disponível em:  
<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/ideias/2003/10/17/joride20031017002.html>.  
 Acesso em 10 mar. 2005.

AZEVEDO, D. **Pessoas do século passado**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

BABO, M. A rede como metáfora e suas implicações. In: **A cultura da redes (actas do congresso ICNC 2001)**. Lisboa: Relógio D'Água, 2002. p. 387 - 400

BARBOSA, P. **A Ciberliteratura – Criação Literária e Computador**. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BARCELLOS, P. Blogueiros na Berlinda. **Jornal do Brasil**, Caderno Idéias. 27 nov. 2004. p. 3.

BENJAMIN, W. O autor como produtor. In: **Benjamin, Walter. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORGES, J. **Apocalípticos, disléxicos e desarticulados**. Disponível em:  
<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1557>, acessado. Acesso em : 6 abr. 2005.



BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 1997.

CARVALHO, L. **A vida na Rede: um estudo sobre os diários online**. In: Facom/UFBa. 2001.

CHARTIER, R. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

COSTA, S. **Cyberspace (hypert)texts: reading-writing mutations**. Cad. CEDES. Jan./Apr. 2005, vol. 25, n.65, p.102-116.

COSTA, S. ; PEREIRA, A. **Conceitos e (pré)conceitos sobre o escrever na internet e na escola**. Disponível em: [http://www.editoradimensao.com.br/revistas/revista48\\_trecho.htm](http://www.editoradimensao.com.br/revistas/revista48_trecho.htm) . Acesso em: 19 jun. 2005.

CUENCA, J. **Corpo Presente**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

ERCILIA, M. **A internet**. São Paulo: Publifolha, 2001.

FREIRE FILHO, J. Notas históricas sobre o conceito de qualidade na crítica televisual brasileira. In: **Revista galáxia**, n.7, Abr. 2004a. p. 85 – 111.

FREIRE FILHO, J. Por uma nova agenda de investigação da TV no Brasil . In: **Contracampo**. Edição dupla out./nov. 2004b. p. 201 – 219.

FREIRE FILHO, J. The fate of the literary culture in the age of the television spectacle. In: **Journal of Latin American Cultural Studies**, vol. 13., n. 3, dec. 2004c, p. 301-313.

FREIRE FILHO, J. TV, Internet e as homilias tecnofóbicas . In: **Revista Logos**. Edição 14 ,ano 8, n. 14 , 1º sem. 2001. p. 13 - 18 .

GIANNETTI, C. (org.). **Dentro de um livro - Contos**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

GIANNETTI, C. **Carta Aberta**. Disponível em:

<http://web.archive.org/web/20041012092716/www.paralelos.org/out03/000293.html>,

Acesso em 23 mai. 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOLLANDA, B. **Entrevista com a agente literária Lúcia Riff**. Disponível em:

[http://www.webwritersbrasil.com.br/base\\_txt\\_nocop.asp?numero=713](http://www.webwritersbrasil.com.br/base_txt_nocop.asp?numero=713). Acesso em 9 jun.

2005.

INAGAKI, A. **Literatura na rede: a transição dos bytes para as bibliotecas**. Disponível

em: <http://web.archive.org/web/20040818034640/www.paralelos.org/out03/000307.html>.

Acesso em: 12 mai. 2005.

LESSA, I. (apr.). **Wunderblogs.com**. São Paulo: Editora Barracuda, 2004.

MCLUHAN, M. **Os Meios de comunicação como extensões do homem**. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MONTEIRO, S. **Philosophical aspects of the virtual and the symbolic work on cyberspace**. In: Ci. Inf. vol.33. n.1, Jan./Apr. 2004 p.108-116.

MOUTINHO, M. ; IZHAKI, F. (org.) **Prosas cariocas: uma nova cartografia do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

NÓBREGA, M. **Diário virtual vira objeto de estudo e base para nova literatura**. Disponível em <http://jbonline.terra.com.br>. Acesso em: 11 abr. /2005.

NUNES, J. Materialidades dos textos e práticas culturais. **In: A cultura da redes (actas do congresso ICNC 2001)**. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.

PIRES, P. **Literatura a jato**. Disponível em:  
<http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=9&textCode=6223&currentDate=1056769294000>.  
 Acesso em: 25 mai 2005

\_\_\_\_\_. **O exercício do erro**. Disponível em:  
<http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=9&textCode=12192&currentDate=1088478060000> .  
 Acesso em: 25 mai 2005.

\_\_\_\_\_. **Palavras sem rumo**. Disponível em :  
<http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=9&textCode=13058&currentDate=1093316460000>  
 Acesso em: 25 Mai. 2005.

RANGEL, V. Tecnologia é aliada do livro. **Jornal do Brasil** . Caderno Internet, 23 jul. 2004. p.5.

RESENDE, B. **Apontamentos de crítica cultural**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

\_\_\_\_\_. Inovações sofrem com o preconceito. **O Globo**. Prosa e Verso, 9 abr. 2005. p.4.

SALES, A. ; GONÇALVES, J. **Paralelos – 17 Contos da nova literatura**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

SATO, N. Três autores na trilha do Mal. In: **Folha de Londrina**, 13 ago 2002. Disponível em: [www.livrosdomal.org](http://www.livrosdomal.org) . Acesso em 23 mai 2005.

SHITTINE, D. **Blog : comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, T. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SIMÃO, J. **E-books agitam a cidade**. Disponível em : <http://www.e-commerce.org.br/Artigos/ebooks.htm>. Acesso em 19 jun. 2005.

TUCHERMAN, I. Novas Subjetividades: conexões intempestivas. In: **A cultura das redes, Revista de Comunicação e Linguagens**. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

TURKLE, S. **A vida no ecrã: a identidade na era da Internet**. Lisboa: Relógio d'Água editores, 1997.

VELOSO, B. **Agonia e salvação**. Disponível em : <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT808460-1661-1,00.html>. Acesso em 22 jun. 2005.

WERTHEIM, M. **Uma história do espaço de Dante à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WIRTH, U. Literatura na internet. Ou: A quem interessa, quem lê? In: **Ars Telemática – Telecomunicação, Internet e Ciberespaço**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

WOOLEY, B. **Virtual Worlds. A Journey in Hype and Hyperreality.** Penguin Books, 1992.

## **BLOGS**

AVERBUCK, C. - <http://brazileirapreta.blogspot.com/>

CARDOSO - <http://bomboclaat.zip.net/>

CUENCA, J. - <http://www.carmencarmen.blogger.com.br/>

FREIRE, M. - <http://www.eraodito.blogspot.com/>

GIANNETTI, C. - <http://escrevescreve.blogger.com.br>

LIMA, R. - <http://www.mundo-exotica.net/nacaradogol>

PELLEGRINO, A. - <http://www.invejadegato.blogger.com.br>

TERON, J. - <http://hellhotel.blogger.com.br/>

## **SITES**

<http://www.paralelos.org/modo.html>

<http://portalliteral.terra.com.br/>

[http://www.sjsc.org.br/pj\\_online/pj\\_26/blogs.htm](http://www.sjsc.org.br/pj_online/pj_26/blogs.htm)

<http://www.webwritersbrasil.com.br>

<http://www.livrosdomal.org/>

<http://www.cardosonline.com.br/>

<http://www.digestivocultural.com.br/>

<http://www.archive.org/>

<http://www.nominimo.com.br>

<http://www.nao-til.com.br>

<http://www.livrosdomal.org>

<http://www.wunderblogs.com>

## ANEXOS

### Entrevista com André Felipe Pontes Czarnobai (Cardoso) <sup>79</sup>

**- O Cardoso começou como um informativo cultural por acaso, quando em meio de uma greve você começou a distribuir e-mails para os amigos mais próximos. Antes disso você já tinha feito fanzines ou tido alguma experiência literária ?**

Na época do colégio eu havia feito alguns fanzines, mas todos voltados para o DESENHO. Eram zines de histórias em quadrinhos. Devo confessar que entrei com uma concepção muito ERRADA na faculdade de jornalismo. Achei que faria várias cadeiras de DESENHO e outras de POLÍTICA e poderia me tornar CHARGISTA. Eu não escrevia muito quando entrei na faculdade. Meu negócio era o DESENHO. No primeiro semestre mesmo, entretanto, já notei que, se eu queria ESCULPIR uma carreira no mundo da ILUSTRAÇÃO, estava no CURSO errado. Foi nos primeiros textos para uma cadeira de produção textual que um professor chamado Paulo Seben me disse que eu deveria investir MAIS na escrita, e foi o que eu fiz. Criei o CardosOnline entre o primeiro e o segundo semestre de faculdade, (em 98) durante uma GREVE muito extensa. Dessa forma, não tive tempo de participar de jornais ou fanzines na faculdade ANTES do COL. Verdade seja dita: no primeiro semestre eu e um amigo inventamos uma personagem chamada JONAST, O FORNICADOR e, no dia seguinte a todas as festas da faculdade, fazíamos um RELATO sobre a noite a partir dos olhos dessa figura, imprimíamos algumas cópias e espalhávamos pela faculdade. Não era bem um fanzine, mas pode se dizer que foi a minha primeira experiência de disseminação de TEXTOS.

**- Como você percebeu que podia usar a internet (ainda sem a facilidade de ferramentas como os blogs, que facilitam a construção de sites) para compartilhar textos?**

---

<sup>79</sup> Finalizada em 20 abri 2005

Foi um acidente. Como a internet era uma ferramenta de comunicação bastante NOVA, todos os estudantes de comunicação em 1997 estavam muito LIGADOS a ela, muito interessados no que ela poderia propiciar. Eu tinha comprado um computador e tinha uma caixa de e-mail. Muitos dos meus colegas TAMBÉM. Aconteceu de eu haver coletado mais e-mails do que telefones no primeiro semestre de aulas, e aí veio a GREVE. Durante esse período de paralisação, comecei a me corresponder com vários colegas e um dia resolvi fazer uma brincadeira. COMPUS um texto em um formato bastante similar a uma COLUNA de revista ou jornal, com dicas de livros, discos e filmes. Acrescentei algumas piadinhas, uns micro-contos, umas poesias, umas bobagens, contei algumas coisas sobre a minha vida e mandei para essa lista de uns 20 amigos, no máximo. Quase TODOS responderam com suas PRÓPRIAS dicas de livros, discos, micro-contos, poesias e bobagens variadas. Como as respostas chegaram apenas para MIM, tive o primeiro ESTALO: decidi organizar um NOVO e-mail, agora no formato de um pequeno INFORMATIVO, contendo os textos de todos os que responderam o primeiro e-mail. Quando o segundo e-mail foi mandando, quem tinha respondido o primeiro gostou da brincadeira e respondeu DE NOVO e quem NÃO TINHA ficou com vontade de participar. Aos poucos, mais pessoas foram sendo incluídas na lista de e-mails, e, quando me dei conta, já tínhamos cerca de 100 leitores. Isso em uma semana.

#### **- Como era feita a seleção dos textos e como se formou o grupo original?**

Eu selecionava os textos. No final do zine, recebia uma média de 10 a 15 por dia. No começo lia todos; depois, nenhum por inteiro. Lia o primeiro e o último parágrafo, o título, e um trecho aleatório no MEIO. Depois de um tempo, eu já conhecia o NOME dos colaboradores, e acabava publicando os MELHORES só de ler o nome. O grupo original se formou quando o Galera (*Daniel Galera*), leitor desde o primeiro número, resolveu JUNTAR FORÇAS. Ele tinha um site literário chamado PROA DA PALAVRA, e achou que a idéia de dar mais regularidade ao formato e à periodicidade do zine poderia ser legal. Foi o que fizemos: de diário, o COL passou a sair DUAS vezes por semana. Ele convidou o Guilherme Pilla, amigo de infância, estudante de publicidade na PUC; eu convidei o Marcelo Träsel, meu colega no jornalismo da UFRGS. O Galera sugeriu que a minha

COLUNA se chamasse CardosOnline e o zine tivesse outro nome, mas, eu achei que os leitores já estavam acostumados ao nome COL e decidi mantê-lo.

**- E o conteúdo? Havia alguma restrição ou os participantes tinham total liberdade para criar os textos? Como se configuraram as seções fixas?**

Não havia seções fixas. Havia, inicialmente, quatro colunistas (eu, Galera, Pilla, Träsel). Depois, passamos a seis colunistas (com a entrada do Hermano Freitas e do Daniel Pellizzari, o Mojo) e, por fim, oito (Clarah Averbuck e Guilherme Caon). Nas quase 300 edições do COL, só censurei DUAS palavras em duas colunas distintas do Hermano, porque continham uma ambigüidade que poderia lhe render problemas, como anteriormente havia acontecido comigo (*em um dos primeiros textos do COL Cardoso se desculpa por afirmações que alguns dos leitores consideraram racistas*). Fora isso, a liberdade era MAIS que total. Aliás, era muito comum publicar dois textos falando sobre o MESMO assunto de maneiras completamente OPOSTAS na mesma edição.

**- Como foi a recepção da mídia tradicional?**

Surpreendente. A primeira aparição de peso foi uma longa matéria na *Revista Aplauso*. Depois, capa do Caderno Donna, do *Zero Hora*. Também saímos na *Folha de São Paulo* e no *Estadão* e em diversos jornais espalhados em vários estados do Brasil. Demos ainda algumas entrevistas para televisões e emissoras de rádio LOCAIS.

**- Qual foi a influência do surgimento dos blogs no CardosOnline ? Muitos participantes mantiveram blogs ao mesmo tempo em que participavam do COL? E que motivos levaram ao fim do zine?**

Os blogs começaram a surgir e se popularizar no Brasil quando o COL começava a CAPENGUEAR, ali pela metade de 2000. Nenhum de nós teve blog enquanto existia o COL. Depois do seu fim, entretanto, apenas o CAON (*Guilherme*) não migrou para essa mídia. Quando o COL começou a se popularizar, ali pela metade de 99, lembro que a Clarah chegou a sugerir que mudássemos o formato do zine de envio por e-mail para um endereço fixo na rede, onde pudéssemos colocar IMAGENS para ilustrar o que dizíamos. A



idéia foi refutada por acreditarmos que o principal diferencial do COL era justamente o seu **FORMATO**. Até certo ponto, estávamos certos: entre 99 e 2001 surgiram quase 50 zines por e-mail na onda do COL. O fim? Bom, todos fomos **ENCHENDO** o saco daquilo, tanto **LEITORES** quanto **COLunistas** e **COLaboradores**. A qualidade foi decaindo à medida que o nosso interesse diminuía.

**- Como você avalia a importância das ferramentas da internet em geral na propagação e construção do COL? Você acha que o zine teria, por exemplo, saído em papel se a Rede não estivesse se popularizando?**

O COL era uma **BARBADA** de se fazer: copiar e colar texto apertar um botão de **SEND** e deu. Claro que tinha todo o trabalho de **BASTIDORES**, que ficava comigo: ler os textos dos **COLunistas** (sempre); ler as colaborações (algumas); acrescentar novos e-mails na lista; retirar os que cancelavam a assinatura; diagramar o texto final; escrever a minha coluna. Ou seja: na parte da **CONFECÇÃO**, o processo não era assim tão diferente de um zine impresso. Mas pelo menos tinha a vantagem **ÓBVIA** da distribuição e do **CUSTO** quase **ZERO**. Quanto ao **FORMATO**, é difícil de dizer com certeza, mas acho que dificilmente teria o **ALCANCE** que teve se fosse um zine impresso. Por ser via web, o zine alcançava leitores em **TODO O MUNDO**. Não satisfeitos em ter leitores em todos os estados do Brasil, ainda fazíamos a alegria de brasileiros perdidos na Europa, Estados Unidos e Japão. Também por conta disso, nosso custo de produção era **BAIXÍSSIMO**. Quase todo mês, fazíamos os **BAILÕES DO CARDOSONLINE**, festas para arrecadar dinheiro para pagar a hospedagem do site e a minha conta de internet. Com a grana que sobrava, editávamos uma tiragem de 200/300 exemplares do **COP - CardosOnPaper**, uma versão resumidíssima e impressa do COL, distribuída como **SOUVENIR** para quem ia às festas.

**- Como foi se começo em literatura? Você começou com egotrips, crônicas, contos ?**

Poesia, como quase todo escritor. Escrevia de forma **ENLOUQUECIDA**: cerca de cinquenta, cem poemas por dia. Eram todos **RUINS**. Depois fui pros contos, mas não era

muito bom falando dos OUTROS. Então comecei a falar de MIM, e aí as EGOTRIPS e as CRÔNICAS fluíram com mais facilidade. Aliás, é um caminho bastante MANJADO.

**- Quais são suas principais referências e como nasceu o estilo "CAPS LOCK" ?**

O CAPS LOCK nasceu em um canal de IRC (*os primeiros "bate-papos" da internet*) chamado ILLUMINATI, do qual o Mojo fazia parte. Diversos leitores do COL eram freqüentadores do Illuminati e, quando criamos a LISTA DE DISCUSSÃO DOS LEITORES DO COL, muitos deles migraram pra lá e começaram a usar esse recurso a torto e a direita. Mas os membros com maior DOMÍNIO da técnica eram o Mojo e o Munha, um músico de Brasília, ex participante da Lusbel is a Jazz Project, atual Satanique Samba Trio. Minhas referências literárias são Castro Alves, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Baudelaire, Hunter Thompson, Sabato, Leon Eliachar, Veríssimo, PJ O'Rourke.

**- Você está prestes a lançar seu primeiro livro. Tem data prevista? Pode falar um pouco sobre ele?**

É uma coletânea de contos e crônicas e outras narrativas curtas. Deve sair no final de maio, começo de junho. O livro vai trazer muitos textos publicados na rede nos últimos CINCO anos, quase todos REESCRITOS. Alguns inéditos também fazem parte do volume. É um livro bastante estranho, acredito. Oscila entre o senso de humor e o senso poético. Dá para se dizer que metade dele vai CHOCAR os meus pais e a outra metade vai fazê-los derramarem lágrimas de ORGULHO.

**- Quais são as dificuldades na relação com editores enfrentadas por um novo autor? Você acha que a internet facilita a manutenção da liberdade do escritor na medida em que os textos já estão sendo construídos online e sofrem uma edição *a posteriori*?**

Para mim é difícil dizer porque não percorri a tradicional VIA CRUCIS do escritor, de ser recusado em DEZENAS de editoras até que o seu texto fosse aceito por uma. Eu preferi IGNORAR as editoras e publicar na Rede, de forma independente, especialmente por não me achar PREPARADO para fazer a transição para o papel. Além disso, já que não se

ganha DINHEIRO com literatura, de qualquer forma, qual seria o propósito de mudar de SUPORTE? Mas fato é que o livro tem toda uma MÍSTICA e a sua publicação acaba servindo como um RECONHECIMENTO para alguém como eu. É uma espécie de COROAÇÃO: aquilo que você vinha fazendo parece que tinha alguém valor, caso contrário, dificilmente as EDITORAS se interessariam. Quanto à liberdade do escritor na internet, acho que nem se mantém por conta da possibilidade de EDIÇÃO *ad infinitum* do texto, mas sim por dispensar todo o esquema que existe entre o CRIADOR do texto e o seu PROPAGADOR (no caso, o escritor e a editora). O autor tem controle TOTAL sobre o QUE publica, quando e como publica. Isso é precioso - mas também pode ser um tremendo TIRO NO PÉ.

**- Como você vê hoje a nova literatura feita na Rede em Porto Alegre? Que sites você costuma visitar e que novos autores você lê ?**

Eu tenho visto que diversos escritores têm feito o caminho INVERSO, de sair do papel para a rede, como é o caso da Cíntia Moscovich e do Fabrício Carpinejar. Além da dupla citada, costumo ler os meus companheiros de INSANUS ([www.insanus.org](http://www.insanus.org)) , o Caco Belmonte ([www.casaverde.art.br](http://www.casaverde.art.br) - *uma editora independente de livros que lançou em Março a primeira Coletânea de contos, o livro Fatais* ), o Paulo Scott (*escritor e colaborador da Paralelos autor de Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e atenuar os sofrimento dos monstros e Ainda Orangotangos*) e vários contemporâneos do Rio e São Paulo.

**Entrevista com Daniel Galera** <sup>80</sup>

**- O Cardoso começou como um informativo cultural por acaso, mas você já tinha criado o Proa da Palavra, um site literário. Gostaria que você me falasse um pouco da sua experiência como escritor na Rede, quando ela começou, quais foram as motivações e como era o formato e a periodicidade do Proa.**

Eu criei o site Proa da Palavra em 1997, quando estava me familiarizando cada vez mais com a web, que no Brasil começava a se popularizar. Na mesma época, comecei a levar a idéia de escrever literatura um pouco mais a sério, produzindo meus primeiros contos e crônicas. Conheci diversos sites literários estrangeiros, mas não havia nada do tipo no Brasil. Eu era também um autodidata em linguagem *HTML* (*código de programação que permite a criação de sites na Internet*). Unindo esses interesses, tive a idéia de criar uma revista online de literatura, a Proa da Palavra. Editei o site sozinho por mais de três anos, e ele foi um dos primeiros sites do tipo no Brasil. Em agosto de 2000, cansei da brincadeira e fechei a página, que chegou a ter um público leitor bem razoável (300 visitantes por dia). As atualizações eram semanais e publiquei cerca de 800 textos de 400 autores, todos contribuindo através da própria Internet (e-mail). Foi uma experiência inaugural pra mim, como editor.

**- Passando para o Cardoso. O formato foi, de certa forma, pioneiro no Brasil, um fanzine por e-mail. Como foi a concepção do site e a recepção dos leitores?**

O Cardoso foi inventado por mim e pelo próprio Cardoso, que começou a mandar e-mails regulares pra uma lista de amigos. Eu sugeri que ele ampliasse a idéia no formato de uma publicação enviada apenas por e-mail a uma lista de assinantes (o envio era gratuito, mas para receber era necessário "assinar", ou seja, se cadastrar na lista de endereços). Inspirei-me tanto em fanzines impressos quanto em publicações online para sugerir um formato editorial pro e-zine. A proposta era ter uma equipe fixa de colunistas escrevendo sobre experiências pessoais, as famosas "egotrips", além de temas como cultura pop, política,

---

<sup>80</sup> Entrevista finalizada em 22 abr 2005, por e-mail

drogas e textos literários. A recepção dos leitores foi entusiasmada e o e-zine por e-mail virou um fenômeno que reuniu quase 5000 assinantes em três anos.

**- Como foi a recepção da mídia tradicional?**

A mídia deu uma cobertura boa depois que o e-zine ficou um pouco mais popular, fomos tema de matérias de jornal, aparecemos em programas de TV e monografias universitárias. Fomos capa da *Revista ZH*, por exemplo, que montou uma espécie de mine fotonovela com os colunistas do zine. Além disso, jornalistas e artistas assinavam o CardosOnline.

**4- Houve influência da popularização dos blogs no fim do CardosOnline? Quase todos os participantes começaram blogs com o fim do zine. Como foi essa transferência de ferramentas?**

Acho que o CardosOnline acabou devido a um esgotamento da própria proposta do e-zine e por um envolvimento gradual dos colunistas em outros projetos. Não diria que teve a ver diretamente com a popularização dos blogs, mas esse por ter sido um entre diversos fatores. É fato que, com os blogs, a idéia de um fanzine por e-mail já não é mais tão especial, tanto que hoje em dia eles são muito raros, após a explosão que foi inaugurada, no Brasil, pelo CardosOnline em 1998. Hoje em dia, os blogs coletivos e portais de blogs (como o *Insanus.org*, onde eu, Cardoso, Träsel e Hermano, todos ex-colunistas, escrevemos) têm um funcionamento semelhante ao proposto pelo COL.

**- Como você avalia a importância das ferramentas da Internet em geral na propagação e construção do COL? Você acha que o zine teria, por exemplo, saído em papel se a Rede não estivesse se popularizando?**

O COL só existiu por causa da web e do e-mail. Sem isso, não teria sequer sido concebido. A Internet teve papel fundamental em todos os projetos que fiz até hoje, pois foi o meio através do qual publiquei meus primeiros textos, fiz contatos, conheci gente e me comuniquei com o meu público leitor.

**- Como surgiu a idéia de criar a Livros do Mal? Você começaram como um selo com parceria de editoras? Quais foram as primeiras publicações e como foi o retorno? E quais foram as maiores dificuldades encontradas para publicar?**

A Livros do Mal foi uma idéia minha e do Daniel Pellizzari, que também escrevia no COL. A idéia surgiu da nossa vontade de arriscar a criação de uma pequena editora, nos moldes de outras que já conhecíamos, e tentar publicar alguns autores novos, em especial aqueles que conhecíamos a partir da Internet. Começamos publicando nossos próprios livros de estréia (*Dentes Guardados* e *Ovelhas Que Voam Se Perdem No Céu*), e depois publicamos mais sete livros, até suspendermos temporariamente as atividades no fim de 2003. O retorno foi imediato e muito grande, a editoria ficou conhecida no Brasil todo, embora as vendas, por mais que tenham representado um sucesso pra nós, sejam números reduzidos. Não enfrentamos nenhuma grande dificuldade para publicar, exceto a distribuição, que é uma etapa chata.

**- Analisando a relação entre a liberdade da escrita e as editoras tradicionais, você acha que a Internet facilita a manutenção da liberdade do escritor na medida em que os textos já estão sendo construídos online e sofrem uma edição *a posteriori*? A idéia de abrir uma editora veio também da necessidade de evitar as inúmeras restrições impostas pelo mercado editorial já estabelecido?**

A idéia da editora não teve nada a ver com enfrentar restrições do mercado editorial. Apenas quisemos fazer a coisa do nosso modo, porque além de autores gostamos de brincar de editores. A Internet é um meio que se adiciona aos outros e dá mais oportunidades de publicação e divulgação, mas não acho que tenha influenciado significativamente na liberdade do escritor no que tange à criatividade.

**- Como está a editora hoje? Quantas publicações foram feitas ? Por que vocês não estão aceitando novos originais?**

A editora está parada porque temos outras prioridades no momento. Não estamos aceitando originais por um tempo indeterminado porque não temos condições de avaliar o material

que chega. Não sabemos dizer quando e como a editora voltará à ativa. Além disso, estou escrevendo meu terceiro livro, um romance ainda sem título.